



ProHUB

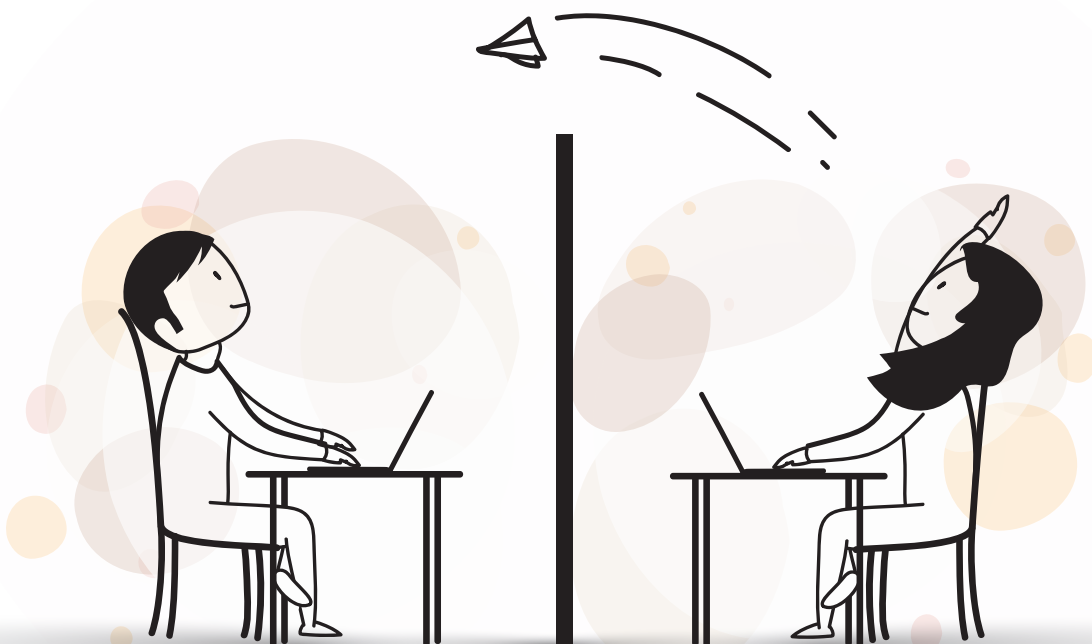
INVESTIGAÇÃO & INOVAÇÃO
para o Ensino Profissional

RELATÓRIO **FINAL** Desenvolvimento do Trabalho Autónomo

NO ÂMBITO DO PROJETO DE INVESTIGAÇÃO

O aluno autónomo no planeamento e autoavaliação das suas aprendizagens.
Práticas pedagógicas usadas no ensino profissional na ETPM.

Março 2022.



Índice

Enquadramento.....	5
Introdução.....	7
1. Perfil do Aluno ETPM.....	9
2. Instrumentos de (auto) regulação das aprendizagens.....	12
2.1 Perfil de Matriz Curricular.....	14
2.2 Roteiro de Aprendizagem e (Auto) Avaliação / Grelha de Avaliação.....	15
2.3 Guião de Aprendizagem à distância.....	17
2.4 Notebook.....	18
2.5 Google Classroom.....	20
2.6 Google Drive.....	21
2.7 Google Currents.....	22
2.8 Plano de melhoria na sala de aula.....	23
2.9 Agenda mensal na sala de aula.....	25
2.10 Agenda semanal na sala de aula.....	25
2.11 Organograma.....	27
2.12 Reflexões globais.....	28
3. Trabalho Autónomo Parte II.....	30
3.1 Exemplos de Trabalho Autónomo.....	32
3.1.1 Nível 1. Básico.....	33
3.1.2 Nível 2. Intermédio.....	34
3.1.3 Nível 3. Avançado.....	36
3.2 Grupo 16 estrelas. Parte II.....	39
3.2.1 Projeto troca de cursos. Exemplo de trabalho autónomo.....	40
4. Educação para a Cidadania.....	43
4.1 Implementação de Cidadania e Desenvolvimento no âmbito.....	44
<i>dos Cursos Profissionais na ETPM</i>	
4.2 Práticas para uma participação política nas tutorias de turma.....	45
4.3 Assembleia de alunos.....	46
5. Conclusões e Reflexões.....	50
Bibliografia.....	53
Siglas.....	55

Índice de Figuras

Figura 1. Esquema do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória.....	10
Figura 2. Perfil do Aluno ETPM.....	10
Figura 3. Recursos para a recolha e análise de dados.....	13
Figura 4. Perfil de Matriz Curricular.....	14
Figura 5. Roteiro de Aprendizagem e (Auto) Avaliação / Grelha de Avaliação.....	15
Figura 6. Gráfico do uso do Roteiro de Aprendizagem.....	16
Figura 7. Guião de Aprendizagem à Distância.....	17
Figura 8. Notebook.....	18
Figura 9. Gráfico do uso do Notebook.....	19
Figura 10. Gráfico do uso dos instrumentos para o planeamento e balanço.....	19
Figura 11. Google Classroom	20
Figura 12. Gráfico do uso do Google Classroom.....	20
Figura 13. Gráfico do desenvolvimento do trabalho autónomo nos instrumentos.....	21
Figura 14. Google Drive.....	21
Figura 15. Gráfico do uso do Google Drive.....	22
Figura 16. Google Currents.....	22
Figura 17. Gráfico do uso do Google Currents.....	23
Figura 18. Plano de melhoria.....	23
Figura 19. Agenda mensal.....	25
Figura 20. Agenda semanal.....	25
Figura 21. Gráfico do uso da Agenda semanal	26
Figura 22. Organograma.....	27
Figura 23. Gráfico do uso do Organograma.....	27
Figura 24. Estrutura do Trabalho Autónomo.....	32
Figura 25. Fotografias do desenvolvimento do projeto de troca de cursos.....	41

Índice de Quadros

Quadro 1. Indicadores e descrição do trabalho autónomo.....	32
Quadro 2. Exemplo de Nível 1. Indicadores do Trabalho Autónomo	34
Quadro 3. Exemplo de Nível 2. Indicadores do Trabalho Autónomo	38
Quadro 4. Exemplo de Nível 3. Indicadores do Trabalho Autónomo.....	37
Quadro 5. Exemplo projeto Troca de Cursos. Indicadores do Trabalho Autónomo.....	43
Quadro 6. Assembleia de alunos.....	44
Quadro 7. Perfil e tarefas do representante da assembleia de alunos.....	48

Enquadramento

Entre março de 2021 e janeiro de 2022 foi desenvolvido o projeto de investigação “O aluno autónomo no planeamento e autoavaliação das suas aprendizagens. Práticas pedagógicas usadas no ensino profissional na ETPM”, no Centro de Investigação e Inovação para o Ensino Profissional (ProHUB).

Os onze meses de investigação-ação permitiram apresentar no presente Relatório Final, a ligação do desenvolvimento das competências do perfil do aluno da Escola Técnica Profissional da Moita, com os instrumentos, metodologias e exemplos do trabalho autónomo e da Educação para a Cidadania utilizados na Escola Técnica Profissional da Moita (ETPM).

Desta forma, expõe-se uma análise dos instrumentos de (auto) regulação das aprendizagens, mostram-se as metodologias e as práticas pedagógicas usadas para o desenvolvimento dos três níveis do desenvolvimento do trabalho autónomo e, explica-se a implementação dos diferentes domínios da Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania (ENEC) na ETPM e a sua ligação com o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória em Portugal.

Os objetivos específicos da investigação consistiram em:

- i) Realizar um balanço sobre a implementação do protótipo educativo - trabalho autónomo - e do uso da metodologia, das práticas pedagógicas e dos instrumentos de (auto) regulação das aprendizagens usadas no ensino profissional na ETPM;
- ii) Investigar as dificuldades, desafios e ganhos que professores e alunos estão a desenvolver na prática do trabalho autónomo, no desenvolvimento das competências do Perfil do Aluno ETPM, e na implementação dos diferentes domínios da Educação para a Cidadania;
- iii) Construir uma lista de recomendações para que alunos e professores possam aplicar no desenvolvimento do trabalho autónomo, para o uso dos instrumentos de (auto) regulação das aprendizagens, para o desenvolvimento das competências do perfil dos alunos e para a implementação dos diferentes domínios da Educação para a Cidadania.

Com base nos objetivos e através da abordagem metodológica Investigação Ação Participativa (IAP) (Kemmis & McTaggart, 2007), foi analisado o trabalho autónomo em colaboração com a comunidade escolar da ETPM - alunos, professores, encarregados de educação e entidades parceiras. Um dos recursos para a recolha e análise de dados quantitativos e qualitativos, além dos focus group, dos formulários e dos formulários de observação, foram as atividades de investigação com os estudantes da ETPM.

O grupo foi composto por 16 alunos e teve como objetivo o estudo conjunto das diferentes visões, experiências, dificuldades e sugestões relacionadas com o desenvolvimento das suas Aprendizagens Essenciais, as quais são os conhecimentos, as capacidades e as atitudes que o aluno tem de adquirir ao longo da progressão curricular. A partir do grupo 16 estrelas e da investigação realizada resultaram planos de ação para a criação de uma assembleia de alunos em setembro de 2021.

Foi assim que através da prática de investigação-ação participativa, foi possível recolher informação, analisar dados quantitativos e qualitativos e propor dinâmicas específicas em função das necessidades e

sugestões dos membros da comunidade escolar - professores/formadores, alunos e pessoal não docente
- resultado no presente Relatório Final.

Dra. Estrella Luna Muñoz
Investigadora do ProHUB
Centro de Investigação e Inovação para o Ensino Profissional



Introdução

No âmbito do projeto de investigação “O aluno autónomo no planeamento e autoavaliação das suas aprendizagens. Práticas pedagógicas usadas no ensino profissional na ETPM” e com base nas perguntas: “O que é que representa ser autónomo? Porque é importante desenvolver práticas educativas para a autonomia do aluno? Como, quando e onde se pode desenvolver o trabalho autónomo?” foi construído o presente relatório final com a análise global do Modelo Pedagógico da ETPM.

A ETPM relaciona:

- O desenvolvimento das competências definidas para o perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória;
- Os diferentes domínios da Educação para a Cidadania;
- As aprendizagens esperadas em Cidadania e Desenvolvimento;
- As formas de operacionalização sugeridas (global e turma);
- A (auto) avaliação das aprendizagens.

Desta forma, a análise realizada esteve focada na investigação do perfil do aluno ETPM, do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, dos Instrumentos de (auto) regulação das aprendizagens, do desenvolvimento dos três níveis do trabalho autónomo e das práticas dos domínios da Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania.

Como parte do estudo realizado demonstra-se que o modelo pedagógico da ETPM tem como base estrutural cada uma das competências do perfil do aluno - criatividade e inovação, comunicação e colaboração, pensamento crítico e resolução de problemas, responsabilidade e cidadania ativa - estando diretamente ligados com os instrumentos, as práticas e as metodologias usadas na escola.

Um das dimensões estruturantes do modelo pedagógico da ETPM consiste no trabalho das competências necessárias para a aprendizagem ao longo da vida e o trabalho autónomo propicia uma prática direta com as competências necessárias atuais. A escola tem como objetivo que os alunos aprendam a aprender, criem autonomia na sua aprendizagem e a coloquem em prática como refere a coordenação da escola, com perguntas simples mas reivindicativas em cada uma das suas atividades: "O que é que vou aprender? porque é que vou aprender? com quem vou aprender? Como vou aprender? e quando? E depois: o que é que consegui aprender? o que é que não consegui aprender? porque é que não consegui aprender? e o que é que levo daqui para conseguir avançar?".

A autonomia do aluno surge a partir da sua prática de forma a se tornar uma aprendizagem para a vida, seja dentro ou fora da escola. Existe a ideia errada de que a escola é o único lugar gerador de aprendizagem, gerador de competências e habilidades. O aluno pode aprender também fora da escola, com outras pessoas, com outros alunos, com outros intermediários e em outras instituições.

A ETPM incentiva por exemplo no nível 2 e nível 3 de complexidade do trabalho autónomo a participação ativa nas atividades externas à escola, em espaços de trabalho diferenciados (Formação em Contexto de Trabalho, mobilidades, eventos, estágios, visitas de estudo) mas sempre interligadas com os objetivos de aprendizagem das áreas disciplinares em questão.

Assim, como existe esta diferenciação no local de aprendizagem, também é preciso reforçar a diferenciação pedagógica. Como refere a coordenação da ETPM, o exercício do trabalho autónomo ajuda em casos específicos como é o caso dos "alunos que estão com menos dificuldades em poder avançar num determinado objetivo, ou numa determinada competência que têm de desenvolver. Podem ou não avançar enquanto outros precisam maior apoio, para poder aprender melhor alguma questão que não tenham conseguido aprender ou onde estão com maior dificuldade".

Nem todos os alunos aprendem ao mesmo tempo, há alunos que fazem os trabalho ou que aprendem mais rápido do que outros, e é aqui que o desenvolvimento do trabalho autónomo ajuda com a diferenciação pedagógica, usando determinados instrumentos de (auto) regulação das aprendizagens, como é o caso do Guião de Aprendizagem Autónomo.

Este instrumento tem sido utilizado desde a implementação do ensino à distância no período de pandemia do COVID-19 e atualmente é usado pelos professores nas suas diferentes práticas pedagógicas.

O tema da diferenciação pedagógica encontra-se ligado diretamente com a autonomia do aluno no desenvolvimento das suas aprendizagens. E encontra-se também ligado com a autonomia do professor para avaliar de forma diferenciada cada aluno tendo em conta as suas necessidades.

Deste modo, o relatório final pretende ser uma forma de visualização do ponto da situação dos desafios, das necessidades, dos benefícios, dos comentários, das atividades e experiências realizadas pelos professores/formadores, tutores de turma e alunos.

O relatório pretende ser um encontro de diálogo sobre a esfera da autonomia e a sua importância, tendo em conta com as diferentes visões, práticas e dinâmicas da comunidade escolar, sendo estes os que fazem a escola.

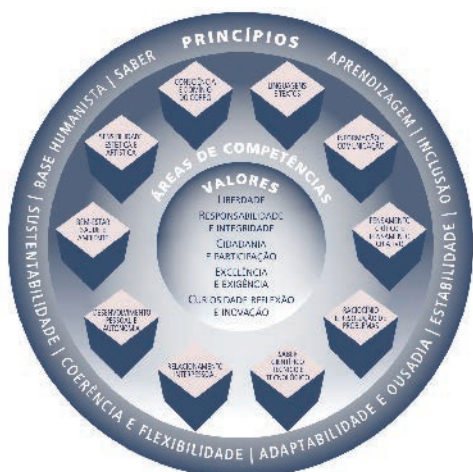
1.



1. Perfil do Aluno ETPM

Tendo como documento de referência o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória do Ministério da Educação, no qual está integrado pelos princípios, as áreas de competências e os valores (Figura 1), a ETPM junto com a comunidade escolar, iniciou o processo de definição do Perfil do Aluno ETPM em 2015.

Figura 1. Esquema do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (Oliveira, G., 2017)



A partir de uma colheita de dados dos alunos, dos professores/formadores e do pessoal não docente, foram definido em 2017 as quatro competências do perfil do aluno ETPM: criativo e inovador; comunicativo e colaborativo; pensamento crítico e resolve problemas; responsável e com cidadania ativa (Figura 2).

Figura 2. Perfil do Aluno ETPM



Com base no perfil do aluno ETPM, criaram-se também os critérios gerais de avaliação funcionando como um guia para avaliar e auto avaliar das aprendizagens. Estes critérios são compostos por cada uma das quatro competências transversais do aluno, os objetos de avaliação, os níveis de desempenho, os valores de referência e os respectivos descritores.

Tudo o que é criado e construído na escola é para desenvolver o perfil do aluno ETPM, como é o caso dos instrumentos de (auto) regulação das aprendizagens, as orientações para o desenvolvimento dos três níveis do trabalho autónomo e as práticas dos domínios da Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania.

Na ETPM o processo de autoavaliação, parte sempre das competências transversais, através das dinâmicas criadas nas tutorias de turma.

Os alunos, mensalmente, de forma individual e em grupo de forma colaborativa no âmbito das tutorias de turma, realizam uma autoavaliação relativamente ao desenvolvimento e mobilização das competências transversais do perfil do aluno.

O aluno ou o grupo-turma responde, de forma reflexiva e orientada às questões:

Fui um aluno / fomos o grupo-turma criativo e inovador durante este período?

Fui um aluno / fomos o grupo-turma responsável e que praticou uma cidadania ativa durante este período?

Para cada uma das questões o aluno / o grupo-turma posiciona-se de acordo com os descritores de desempenho, suportando a sua reflexão com evidências, através do seu e-portefólio reflexivo individual ou grupal. Esta informação é trabalhada pela equipa pedagógica e o serviço de psicologia e orientação, desenhando com o aluno planos de melhoria periódicos concretos e que orientem o aluno no seu percurso.

Essa autoavaliação e plano de melhoria é apresentada pelos alunos no conselho de turma periódico, analisada em conjunto com os professores/formadores que completam e enriquecem com inputs específicos que decorrem da avaliação global de cada um. O plano de melhoria é definido na sua versão final e é apresentado pelos alunos responsáveis ao restante grupo-turma. Este plano de melhoria representa o instrumento para desencadear projetos integradores ou atividades específicas em determinadas áreas disciplinares durante o período seguinte.

Além do plano de melhoria, a maioria dos instrumentos de (auto) regulação das aprendizagens, integram de alguma forma, uma ou as quatro competências transversais a desenvolver para que o aluno ou o grupo realizem a sua auto-avaliação. Uma das adversidades que os professores referem é que ainda existe uma dificuldade por parte de alguns alunos, em perceber o significado e aplicação real de cada uma das competências transversais:

“Os alunos têm muita dificuldade em conseguir ainda articular as tarefas, fazer pontos de ligação com as várias competências”

“O que é criatividade para os alunos? É isso a dificuldade deles, dos conceitos, de saber o que são cada uma das competências”

Uma sugestão de trabalho que uma professora faz perante esta dificuldade, é perguntar em cada uma das dinâmicas e aulas, as seguintes questões:

“Que atividades foram relevantes durante o segundo período? Que competências é que vocês estão a pôr em prática nesta atividade? (...) é um trabalho que nós temos de fazer, atividade a atividade, para que percebam que cada atividade não tem só uma competência”.

Este tipo de proposta, faz toda a diferença no grau de compromisso do professor para aportar e adaptar a sua prática pedagógica para o trabalho das competências transversais dos alunos. Aqui é que é gerada a mudança, onde o professor se envolve e se desafia, independentemente das dificuldades que encontra, seja nos instrumentos de (auto) regulação das aprendizagens, seja criando propostas para o desenvolvimento da autonomia do aluno e seja na prática ativa e crítica para uma futura participação cidadã dos alunos.

2.



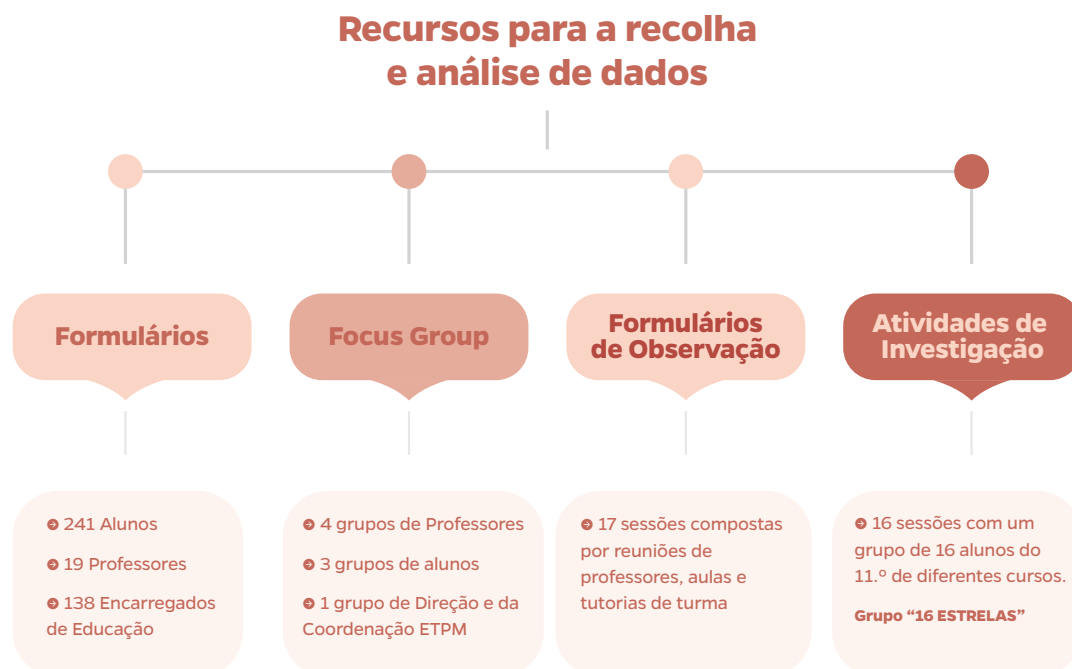
2. Instrumentos de (auto) regulação das aprendizagens

Com o objetivo de analisar o ponto de situação relativo ao uso dos instrumentos de (auto) regulação das aprendizagens pela ETPM, foi realizada uma recolha de dados no decorrer do ano de 2021.

Através da abordagem metodológica Investigação Ação Participativa (IAP) (Kemmis & McTaggart, 2007), realizou-se o estudo quantitativo e qualitativo. Este teve como base recursos instrumentais assentes em três guiões utilizados para as entrevistas de focus group realizadas com alunos, professores, diretores de curso e representantes de área/grupo disciplinar.

Para a recolha e análise de dados foram usados 398 formulários e 8 entrevistas com grupos focalizados, 17 formulários de observação, e 16 sessões de atividades de investigação com o grupo de 16 estrelas, perfazendo um total de 431 elementos analisados. Relativamente aos formulários, estes foram elaborados de acordo com perguntas específicas para cada grupo focal, isto é, um formulário para alunos e um para professores. As oito entrevistas, com três grupos focalizados distintos, foram compostas por dois grupos de professores, dois grupos de diretores de curso/representantes de área/grupo disciplinar e três focus groups com alunos dos vários cursos do décimo primeiro e do décimo segundo ano (Figura 3).

Figura 3. Recursos para a recolha e análise de dados




Com base na recolha obtida, a análise e o balanço dos 11 Instrumentos de (auto) regulação das aprendizagens são de seguida descritos.

2.1 Perfil de Matriz Curricular

Este é um instrumento de organização e desenvolvimento curricular onde são esquematizadas as competências transversais e técnicas, numa lógica de sequencialidade e simultaneidade, a que correspondem os módulos/UFCD/UF (também definidos em termos de sequencialidade e simultaneidade) e os respetivos objetivos de aprendizagem, que funcionarão como o “motor” para o desenvolvimento e mobilização das competências transversais e técnicas definidas.

Utilização → É criado pelos diretores de curso de cada área disciplinar. Posteriormente é partilhado em conselho de turma com os professores, e os professores organizam as suas aulas de cada período com base na matriz.

Figura 4. Perfil Matriz Curricular



MATRIZ CURRICULAR [Curso Técnico de Apoio à Infância - 2018-2021]

ANO	PERÍODO	PERFIL DO ALUNO	PERFIL PROFISSIONAL	FCT	ÁREA TÉCNICA				COMPONENTE CIENTÍFICA				COMPON	
					EP	TIPE	SI	ECDM	Sociologia	Psicologia	Matemática	Português		Inglês
1.º		Critérios Gerais	Atividades / Realizações Profissionais											
		Responsabilidade e Cidadania	Colaborar diariamente nos cuidados de tipo maternal à criança, respondendo às suas necessidades individuais de sono, alimentação, higiene corporal e promoção da saúde; Colaborar na promoção de comportamentos que fomentem a aquisição de hábitos de autonomia, independência e autoconfiança por parte da criança.		M8 (3T)	M4 (20T)								
		Responsabilidade e Cidadania	Colaborar com a educadora de infância na execução de atividades lúdicas e pedagógicas e outras atividades que fomentem e promovam os processos de socialização das crianças.											
		Comunicação e Colaboração	Assegurar a manutenção, organização e gestão da sala e dos materiais utilizados, respeitando as condições de higiene e segurança.	336 horas										
		Criatividade e Inovação	Colaborar nos momentos de vigilância do grupo de crianças que lhe estão atribuídos.											
		Pensamento Crítico e Resolução de Problemas	Colaborar diariamente nos cuidados de tipo maternal à criança, respondendo às suas necessidades individuais de sono, alimentação, higiene corporal e promoção da saúde; Colaborar na promoção de comportamentos que fomentem a											

PROFESSORES

- Os professores referem que apenas os diretores de curso utilizam o Perfil Matriz Curricular, sendo que os professores que a utilizam, fazem-no apenas para consulta.

“Não utilizo. São mais os diretores de curso que usam”

“É o diretor de curso quem vincula e articula com os tutores das turmas a exploração deste instrumento. Nós como professores somos mais passivos na abordagem, contribuimos, mas quem faz o trabalho sobre este instrumento é o diretor de curso”

“Nós no grupo de línguas, usamos a matriz para consultar se por acaso alguns dos objetivos que nós estamos a trabalhar, é consentâneo com atividades que já estão a percorrer (...) são praticamente instrumentos de consulta”

DIRETORES DE CURSO

- Vários diretores de curso fizeram com a sua equipa pedagógica, modificações ou adaptações na sua Matriz Curricular em concordância com as suas necessidades específicas como equipa.

“Nós na área de desporto criamos uma matriz para nos organizarmos um bocadinho melhor (...) Nós tentamos fazer uma adaptação da realidade do desporto em relação ao curso técnico que

estamos a trabalhar, e para isso temos alguns módulos, principalmente teóricos que tentamos fazer essa ligação. Por exemplo no curso de ação educativa, nós tentamos entrar na matriz, no sentido em que como é que o desporto pode contribuir para alguma competência mais específica desse curso (...) Estamos a tentar ligar a área de desporto de uma forma mais específica a cada curso.”

“A matriz também tem esta flexibilidade (...) Com a nossa turma de décimo ano, nós reajustamos várias vezes a matriz porque o perfil da turma não estava minimamente ajustado também ao que nós estávamos a provocar. Elas precisavam de coisas muito mais básicas, muito mais simples e nós fizemos um reajuste inclusive nas Unidades de Formação de Curta Duração (UFCD) que tínhamos proposto no início do ano.”

-Os diretores de curso refletem sobre a falta de clareza no preenchimento da matriz, fazendo sugestões para que o seu uso seja mais claro, já que, como referem, os professores usam pouco e é pouco explorado pelos mesmos.

“A matriz tem de ser mais simplificada ou então disposta de uma outra forma (...) Acho que muita pouca gente consulta só para perceber o que é que este ano estão a fazer”

“Os professores não vão ver o que é que há na matriz, nem o que tinham planeado”

“Para mim, é um instrumento pouco explorado”

“Para mim, às vezes é difícil perceber exatamente o que é esperado em cada uma destas descrições e, mesmo nas observações, o que eu tenho de lá colocar (...) Eu sinto muita falta de discutir isto com outros diretores de curso para depois criar uma linha mais clara para o planeamento com as equipas”

2.2 Roteiro de Aprendizagem e (Auto) Avaliação / Grelha de Avaliação

É um instrumento de planeamento curricular e de (auto) avaliação do aluno e do professor, onde se descreve o que é esperado aprender e respetivos níveis de desempenho por módulo. Contém os objetivos de aprendizagem, numa lógica de sequencialidade ou simultaneidade; os descritores e níveis de desempenho para cada objetivo de aprendizagem; a metodologia de ensino, aprendizagem e propostas de produtos de aprendizagem.

Utilização → O roteiro é criado pelos professores em cada uma das suas disciplinas ou módulos, com o objetivo de ser usado ativamente na avaliação dos alunos, entre o aluno e o professor.

Figura 5. Roteiro de Aprendizagem e (Auto) Avaliação / Grelha de Avaliação

CURSO PROFISSIONAL		ROTEIRO DE APRENDIZAGEM E AVALIAÇÃO [Saúde Infantil] [2017/2020]						
(CÓDIGO) MÓDULO/UFCD/UF	UNIDADES DE FORMAÇÃO (CÓDIGO) LIC./COMP. OBJETIVOS GERAIS	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS/OBJETIVOS ESPECÍFICOS/ REALIZAÇÕES PROFISSIONAIS	DESCRIPTORES DE DESEMPENHO	NÍVEL DE DESEMPENHO	VALORES DE REFERÊNCIA	METODOLOGIA DE APRENDIZAGEM	PRODUTOS/EVIDÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	OBSERVAÇÕES
Módulo 3 - Crescimento e Desenvolvimento Infantil no 1º Infância	- Reconhecer os marcos de desenvolvimento normal no criança dos 0 aos 3 anos; - Detetar desvios no desenvolvimento harmonioso; - Testar reflexos e estimular comunicação verbal; - Reconhecer as necessidades nutricionais e cuidados essenciais com particular incidência no primeiro ano de vida.	1. Reconhecer as principais etapas do desenvolvimento psicomotor da criança. 2. Distinguir as diferentes fases do desenvolvimento moral da criança.	<p>O aluno reconhece detalhadamente as principais etapas do desenvolvimento psicomotor da criança, descrevendo de forma rigorosa o seu processo de evolução.</p> <p>O aluno reconhece os traços gerais referentes às principais etapas do desenvolvimento psicomotor da criança, descrevendo de forma global o processo de evolução da criança.</p> <p>O aluno reconhece alguns dos traços gerais referentes às principais etapas do desenvolvimento psicomotor da criança, apresentando omissões no que se refere ao processo de evolução da criança.</p> <p>O aluno revela muitas dificuldades no reconhecimento dos traços gerais referentes às principais etapas do desenvolvimento psicomotor da criança, apresentando omissões essenciais no que se refere às evoluções globais da criança.</p> <p>O aluno distingue com clareza as diferentes fases do desenvolvimento moral da criança, caracterizando-as de forma detalhada.</p> <p>O aluno distingue na sua globalidade as diferentes fases do desenvolvimento moral da criança, caracterizando-as de uma forma generalizada.</p> <p>O aluno nomeia as diferentes fases do desenvolvimento moral da criança, apresentando omissões em alguns dos aspetos essenciais que as caracterizam.</p> <p>O aluno revela dificuldades em nomear as fases do desenvolvimento moral da criança, apresentando omissões nos aspetos essenciais que as caracterizam.</p>	MUITO BOM BOM SUFICIENTE NECESSIDADE DE MELHORIA	[18 – 20] [14 – 17] [10 – 13] [0 – 9]	Projeto Intradisciplinar *		
		3. Identificar fatores que afetam o desenvolvimento personalidade, empatia, desajustamento e vulnerabilidade)	<p>O aluno identifica com clareza os fatores que afetam o desenvolvimento da criança, descrevendo de uma forma generalizada os diferentes impactos / consequências / interferências que os mesmos podem ter no seu crescimento.</p> <p>O aluno identifica na sua globalidade os fatores que afetam o desenvolvimento da criança, descrevendo de uma forma generalizada os diferentes impactos / consequências / interferências que os mesmos podem ter no seu crescimento.</p> <p>O aluno identifica alguns dos fatores globais que afetam o desenvolvimento da criança, apresentando omissões no que se refere aos diferentes impactos / consequências / interferências que os mesmos podem ter no seu crescimento.</p> <p>O aluno revela dificuldades em identificar alguns dos fatores globais que afetam o desenvolvimento da criança, apresentando omissões essenciais no que se refere aos diferentes impactos / consequências / interferências que os mesmos podem ter no seu crescimento.</p>	MUITO BOM BOM SUFICIENTE NECESSIDADE DE MELHORIA	[18 – 20] [14 – 17] [10 – 13] [0 – 9]	Projeto Intradisciplinar *		

ALUNOS

-Apesar do uso do roteiro ser classificado como razoável pela maioria dos alunos que responderam ao formulário (46.3%) estes referem que a sua utilização é maioritariamente para consulta das notas e como base para melhoria das mesmas.

“Os professores são quem usam”

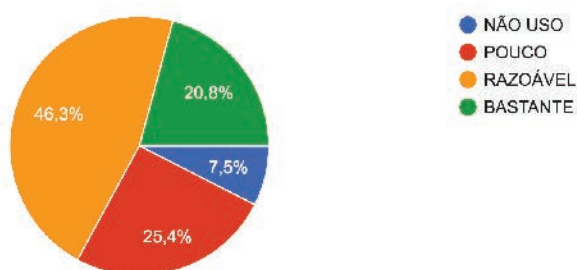
“Para quem quer tirar boas notas, normalmente costuma ver o roteiro. A partir do roteiro nós conseguimos consultar o que é que cada aluno precisa de fazer no trabalho para tirar entre 18 a 20”.

“Acho que nem todos os alunos usam, há certos alunos que preferem mesmo consultar (...) para terem a melhor nota possível”

Figura 6. Gráfico do uso do Roteiro de Aprendizagem

2. Em que medida usas o Roteiro de Aprendizagem e (Auto)Avaliação / Grelha de Avaliação?

240 respostas



PROFESSORES

-Os professores constatarem que o uso do roteiro não cumpre o seu objetivo de servir como autoavaliação ativa por parte dos alunos mas, simultaneamente, também não usam a ferramenta de forma ativa com eles. Referem, desta forma, que a ferramenta é usada apenas para colocação e consulta de classificações. Além disso, consideram que o instrumento contém uma linguagem complexa, direcionada mais para o uso do professor e pouco do aluno.

“Os alunos, o que eles querem saber é a grelha, são as notas”

“Uso quando tenho de lançar os módulos, apenas as notas”

“Cada um dos alunos vem individualmente comigo para fazermos a autoavaliação com base no roteiro, sempre no final de cada módulo”

“O roteiro, utilizo-o para avaliação, mas continuo a achar que é uma perspetiva muito de professor e pouco de aluno, os meus alunos que vão ao roteiro e vão ver os descritores, têm dificuldade em se balizar nas suas aprendizagens, acho que nós construímos isto muito para nós e pouco para eles (...) Os alunos acham a linguagem do conteúdo do descritor muito difícil”

“O que nós temos como roteiro de aprendizagem e avaliação não ajuda o aluno a perceber quais são os objetivos que tem de alcançar (...) eles não usam o roteiro, eles usam a grelha (...) Esta parte dos critérios não usam de todo (...) A mudança do paradigma da avaliação, vai facilitar a que eles tenham acesso e uma melhor participação no processo de avaliação e uma verdadeira autoavaliação. Então estas colunas aqui de avaliações intermédias, posso dizer que não conheço muitos professores que tenham usado”

DIRETORES DE CURSO

-Os diretores de curso sugerem exemplos de uso, adaptação e alteração do Roteiro de forma a ser mais eficiente a sua utilização pela equipa, quer de forma individual quer coletiva.

“Nós, na área de desporto usamos muito o roteiro, nós mudamos no nosso roteiro os descritores todos, a forma de avaliação toda. Por exemplo, a nossa avaliação não tem percentagens, não tem ponderações, até com base nos descritores enquadrámos os níveis (...) Usamos todos o mesmo roteiro, temos todos a mesma base”

“Os roteiros são inteiramente feitos em conjunto (...) Nós, dentro do grupo de línguas, tentamos encontrar pontos de contacto, então muitas vezes adaptamos coisas nos roteiros de inglês para ir ao encontro do que está em português e vice-versa. Por isso sim, no início do ano e ao longo do ano este é um elemento fundamental, porque é aqui que nós fazemos a planificação de cada um dos módulos”

“Cada professor faz o seu roteiro, e mediante aquilo que tem previsto naquela UFCD é que depois articula a implementação da matriz com a área técnica”

“A nossa tentativa por exemplo, foi fundir o roteiro do módulo com a grelha. Nós chamamos o registo de avaliação, o registo está fundido com o roteiro daquele módulo”

2.3 Guião de Aprendizagem à distância.

Este instrumento é elaborado e utilizado pelos professores e pelos alunos para determinados períodos de aprendizagem, que podem ter a duração de uma aula ou de um conjunto de aulas.

Utilização → O Guião é criado pelo professor para o posterior uso do aluno de forma autónoma nas tarefas ou atividades propostas.

Figura 7. Guião de Aprendizagem à Distância



Guião de Aprendizagem à Distância

Disciplina e Módulo/UFCD/UF
Tutoria - CGPP / Área Técnica - TPIE e EP
Turma
11º E
Data/Tempos Letivos

Objetivos/Competências a desenvolver
Competências Transversais do Perfil dos alunos ETPM: <ul style="list-style-type: none">- Responsabilidade e Cidadania- Pensamento Crítico e Resolução de Problemas- Criatividade e Inovação Competências específicas da área disciplinar: <ul style="list-style-type: none">- Tutorias: Área de Integração, CGPP e Área Técnica e/ou Científica
Tarefas
<small>Nota: Passos e sugestões a cor azul referem-se aos alunos que por diferentes razões realizaram um número reduzido de horas de FCT</small>

-Os alunos referem que é preciso que o Guião de Aprendizagem à Distância seja claro e simples de forma a ser facilmente compreendido.

“Não está bem explicado”

“Ajuda, se estiver bem explicado, sim”

“É melhor serem frases simples”

“Dificuldade em entender o que está lá escrito”

PROFESSORES

-Os professores explicam duas formas distintas de utilização do Guião de Aprendizagem à Distância, assim como as instruções que dão aos alunos e os formatos alternativos que utilizam.

"Eu fazia o guião, nós colocamos no Classroom e as alunas acediam e depois elaboravam o trabalho"

“O guião além de estar lá, eu fazia sempre um momento síncrono com eles e explicava sempre o guião. Isto sempre que eram dadas aulas a distância”

“Eu aqui deixei de fazer este formato. Faço o Guião de Aprendizagem mas diretamente no Classroom, e não nesse formato, portanto escrevo diretamente”

DIRETOR DE CURSO

-O diretor de curso exemplifica de que forma os professores de uma determinada área disciplinar trabalharam em equipa para a utilização do guião.

“Nós vimos que obviamente não fazia sentido estar a dar os mesmos conteúdos ou conteúdos muito parecidos, em termos de guiões muito diferentes, então também tivemos um trabalho colaborativo no desenvolvimento dos guiões de aprendizagem à distância”

2.4 Notebook

É um instrumento individual de autorregulação do aluno que o apoia à co-construção do seu projeto carreira e planeamento e balanço semanal e mensal.

Utilização→ O professor orienta os alunos para a sua utilização e preenchimento periódico e para uma posterior utilização autónoma de acordo com as necessidades escolares ou pessoais do aluno.

Figura 8. Notebook

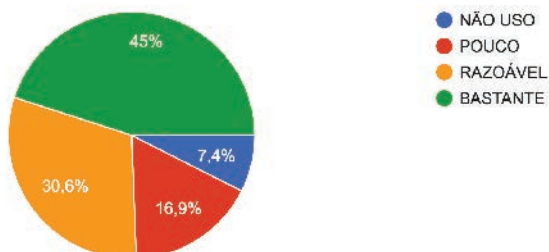


-O uso do Notebook representou 45% do total dos alunos que responderam ao formulário.

Figura 9. Gráfico do uso do Notebook

4. Em que medida usas o Notebook?

242 respostas

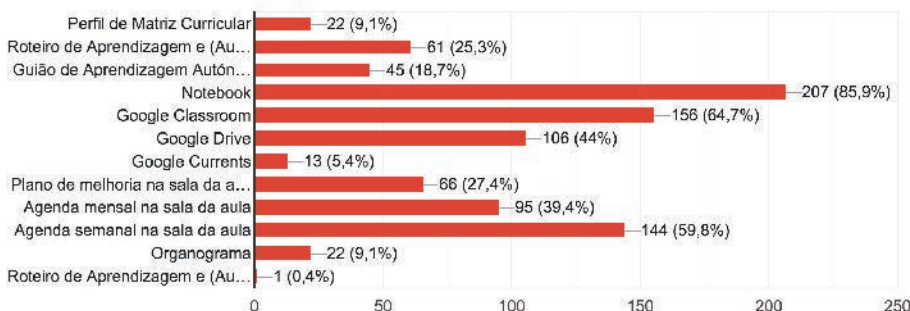


-Segundo 85,9% dos alunos que responderam ao formulário, o Notebook é o instrumento que melhor os auxilia no planeamento e balanço.

Figura 10. Gráfico do uso dos instrumentos para o planeamento e balanço

13. Selecciona quais os instrumentos que te ajudam no planeamento e balanço:

241 respostas



Existe uma variedade de comentários relativos ao uso do Notebook por parte dos alunos. Alguns referem que são obrigados a usar, outros que em algumas aulas não usam e outros que usam opcionalmente.

“Nós temos colegas que usam mesmo para a vida pessoal”

“Para nós não é tão importante assim”

“Para mim é importante”

“Uso para planear a semana”

“Eu acho desnecessário”

“Depende do curso. Há cursos que utilizam mais do que outros cursos”

-Existem algumas propostas dos alunos relativas ao uso do Notebook.

”Que o notebook seja digital, que seja sustentável, que seja opcional e que não seja obrigatório”

PROFESSORES

-Há professores que usam o notebook como forma de avaliação e como forma de planeamento e balanço com os alunos.

"Utilizamos sempre o Notebook no planeamento e balanço da semana"

"Os balanços, quem tem Notebook faz no Notebook"

"Poucos alunos utilizam. Quem utiliza faz as coisas lá, quem não utiliza marca tudo no Classroom"

"O Notebook continuo a achar que é excelente para o planeamento mas é curto para os balanços, deixa muito pouco espaço para escrever"

2.5 Google Classroom

Sistema de gerenciamento de conteúdo para escolas que procura simplificar a criação, a distribuição e a avaliação de trabalhos.

Utilização→ Organização pessoal e grupal das aulas, módulos, desafios e atividades pelos alunos e pelos professores.

Figura 11. Google Classroom



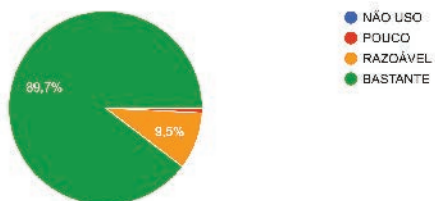
Google Classroom

ALUNOS

-Com um percentual de 89,7 %, o Google Classroom é um instrumento com maior uso por parte dos alunos.

Figura 12. Gráfico do uso do Google Classroom

5. Em que medida usas o Google Classroom?
242 respostas



- O Google Classroom é o segundo maior instrumento utilizado para o planeamento e balanço dos alunos, correspondendo a 64,7% do total dos alunos que responderam ao formulário (Figura 10).

- Os alunos identificaram algumas diferenças entre Google Drive e o Google Classroom, em termos de organização nas entregas de trabalhos.

“Quando nós temos os trabalhos em atraso diz logo no Classroom, no Drive não”

“Em termos de Drive e Classroom, acho que é um bom instrumento onde nós conseguimos trabalhar, principalmente a Classroom porque recebemos várias notificações quando temos de entregar um trabalho e quando é que já entregamos”

PROFESSORES

-Os professores também referem que o Classroom é um bom instrumento para as suas práticas como professores.

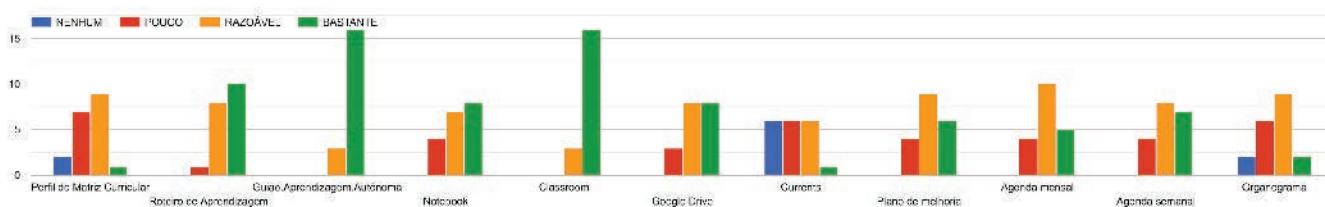
“Tudo o que tenho no Classroom tenho no Drive, excepto as grelhas”

“O Classroom, eu acho que foi umas das coisas mais importantes que nós tivemos aqui, porque com o Classroom tens todas as atividades que os alunos têm de fazer, todos os tutores podem verifica o que é que eles têm em falta, as datas das entregas dos trabalhos”

-Para os professores, o Google Classroom é um dos dois instrumentos no auxílio do desenvolvimento do trabalho autónomo do aluno.

Figura 13. Gráfico do desenvolvimento do trabalho autónomo nos instrumentos

7.1 Em que medida cada instrumento tem ajudado o desenvolvimento do trabalho autónomo do aluno?



2.6. Google Drive

É um serviço de armazenamento e sincronização de arquivos.

Utilização → Pastas criadas com arquivos principalmente pelos professores para a disposição e utilização dos alunos.

Figura 14. Google Drive.



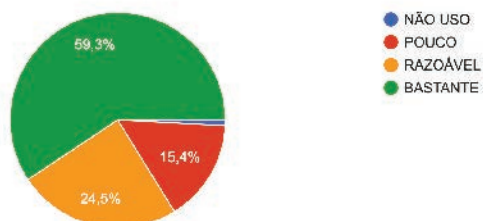
ALUNOS

-Um total de 59,3% dos alunos que responderam ao formulário usa bastante o Google Drive.

Figura 15. Gráfico do uso do Google Drive

6. Em que medida usas o Google Drive?

241 respostas



PROFESSORES

-Existe uma transição do uso do Google Drive para o Google Classroom devido a uma menor utilização do instrumento tanto para professores como para grupos disciplinares.

“Eu uso pouco”

“Eu já não tenho nada no Drive”

“Eu não uso mais”

“Eu a Drive já não uso, só lá vou para buscar algumas coisas”

“Temos uma pasta de grupo disciplinar (...) Estamos na transição, ainda temos tudo no Google Drive (...) mas para o ano queremos fazer a migração de Google Drive para Google Classroom”

“O Drive continua a ser útil para alunos de anos anteriores que têm as suas evidências de aprendizagem no Drive”

“Eu às vezes sim uso, dos anos anteriores”

2.7. Google Currents

É um software desenvolvido pelo Google para comunicação corporativa interna que formata artigos e notícias publicadas por jornais e revistas.

Utilização→ Os professores criam determinados desafios, desenvolvidas em equipa pelos alunos da turma e que são publicados na plataforma.

Figura 16. Google Currents



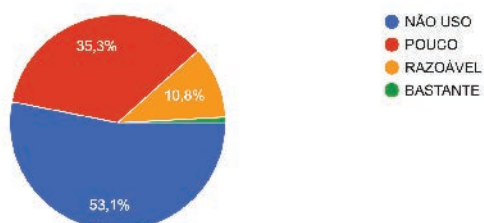
ALUNOS

-A maior parte dos alunos que responderam o formulário nunca usaram ou usaram pouco o Google Currents.

Figura 17. Gráfico do uso do Google Currents

7.Em que medida usas o Google Currents?

241 respostas



- Os alunos que usaram explicam a forma de utilização do instrumento.

“Nós publicamos coisas (...) nós usamos fotos e vídeos. Em termos de colaboração do que nós fazemos em soldadura, colocamos vídeos nossos a fazer o projeto”

“Só usamos uma vez para criar uma notícia”

PROFESSORES

-Também foram poucos os professores que usaram o Google Currents com os seus alunos. Os professores que usaram, exemplificam a estrutura de utilização.

“Eu nunca usei isso”

“Eu não sei o que é”

“Eu uso pouco, aliás até queria saber o que se passa nos outros cursos”

“Eu quase não utilizo”

“Nós todas a semanas elaboramos uma notícia, portanto a notícia da semana com o que elas mais gostaram de fazer, qual foi a atividade que elas gostaram de fazer (...) o departamento de comunicação e imagem, rodam e cada uma faz uma notícia todas as semanas”

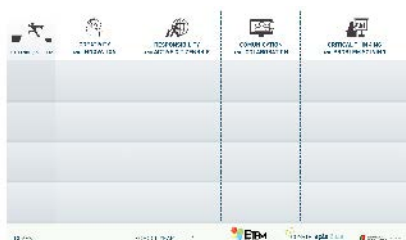
2.8. Plano de melhoria na sala de aula

É um instrumento de auto avaliação de grupo que serve de apoio para o balanço das competências transversais dos alunos sua melhoria contínua (criatividade e inovação; responsabilidade e cidadania ativa; comunicação e colaboração; pensamento crítico e solução de problemas).

Utilização→ Os alunos, discutem as dificuldades, temas e acontecimentos na turma. Decidem e preenchem colectivamente com propostas de melhoria em relação às quatro competências transversais do aluno ETPM.

Figura 18. Plano de melhoria

ALUNOS



-Para alguns alunos, não é claro o objetivo nem a forma de uso do instrumento. Utilizam porque têm de apresentar obrigatoriamente e não têm conseguido aplicar a sua funcionalidade efetiva na sua turma.

“Isso, preenchemos no início do ano e ficou lá e ninguém mais viu”

“É um instrumento que não usamos com tanta frequência mas que no décimo ano usávamos com mais frequência”

“Nós usamos todos os períodos, atualizamos mas não serve”

“Nós sabemos qual é o objetivo do nosso plano de melhoria (...) mas depois a turma não cumpre o que está lá”

“Nós guiamos-nos por ali só para nos lembrarmos das competências transversais. Escrevermos o que é que a nossa turma cumpre ou não cumpre, só para apresentarmos o plano de melhoria”

-Há alunos que referem o Plano de melhoria na sala de aula como um instrumento que ajuda nas suas aprendizagens e nas competências transversais dos alunos.

“Ajuda sim, por exemplo, a criatividade e inovação para fazer os trabalhos, para sermos criativos. Comunicação por exemplo na cozinha dentro da sala de aula, para fazer apresentação, para não estarmos a falar uns em cima dos outros”

“Se não me engano, o plano de melhoria serve para que se houver um problema na turma, como comunicação, módulos em atrasos, ou responsabilidade e cidadania, a turma em si, juntamente com o tutor escrevem um plano para associar ao problema”

PROFESSORES

-Os professores referem que é pouco usado, ou usam só em determinadas reuniões de turma.

“Usamos só quando fazemos reuniões de turma”

“O nosso está em branco”

“Eu só uso quando tenho reunião”

“É pouco usado”

“Eu acho que é pouco explorado”

-Os professores que fazem uso do Plano de melhoria na sala de aula, exemplificam o seu uso.

“O Plano de melhoria é utilizado após as reuniões dos conselhos de turma. Pomos sempre no placard o que foi decidido ou sempre que há um problema na turma”

“Foi preenchido para as reuniões mas tem um problema em termos de espaço, nunca dá para escrever muita coisa mas eles usam principalmente nas reuniões de avaliação (...) Eu dou orientação e eles vão fazendo”

“Sim, escreves uma vez, ou só no dia da reunião, só se houver assim um conflito na turma, uma coisa geral”

“Elas colocam e depois relacionam aqui com as competências e colocam o que é que elas gostaram mais de fazer e o que é que menos gostaram de fazer durante a semana”

2.9. Agenda mensal na sala de aula

É um instrumento de planeamento e balanço mensal onde se registam as atividades, tarefas e eventos da turma.

Utilização → Orientação pelos professores para a utilização do aluno de forma grupal nas turmas.

Figura 19. Agenda mensal

MONTH

SUNDAY	MONDAY	TUESDAY	WEDNESDAY	THURSDAY	FRIDAY	SATURDAY

PROFESSORES

-Os professores referem que os alunos que utilizam, apropriam-se do instrumento colocando aspetos importantes na sua rotina pessoal e escolar.

“Os alunos utilizam muito, colocam mais as coisas deles, tipo validações que têm de fazer, até mesmo os aniversários deles eles põem lá”

DIRETORES DE CURSO

-A utilização deste instrumento em equipa, pelos professores e diretores de curso, serve para evitar a carga excessiva de trabalhos a entregar pelos alunos relativa a possíveis módulos em atraso.

“Na agenda mensal, os professores conseguem perceber o que é que os alunos estão a fazer, as datas de entrega, a entrega dos trabalhos. Nós numa altura reparamos que os alunos tinham trabalhos para entregar quase todos os dias, e decidimos não colocar mais trabalhos”

2.10. Agenda semanal na sala de aula

Instrumento de planeamento e balanço semanal onde se regista o horário da semana da turma/disciplina/professor/espacos.

Utilização → Orientação pelos professores para a utilização do aluno de forma grupal nas turmas.

Figura 20. Agenda semanal

WEEKLY SCHEDULE
FROM ____ TO ____

HOURS	MON	TUE	WED	THU	FRI	SAT	SUN

COMMENTS



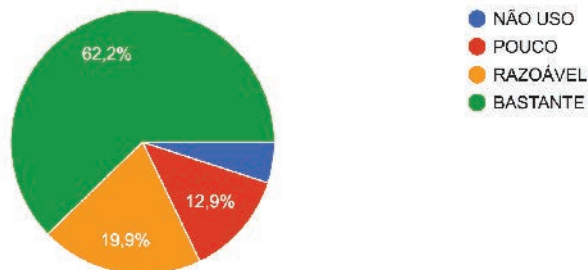
ALUNOS

-62,2% dos alunos que responderam o formulário usam bastante a Agenda semanal.

Figura 21. Gráfico do uso da Agenda semanal

10. Em que medida usas Agenda semanal na sala da aula?

241 respostas



- A Agenda semanal, é referida como um instrumento indispensável e de construção em equipa dos próprios alunos para a sua organização e planificação semanal.

“Ajuda muito a saber a hora a que entramos e a que hora a que saímos”

“O plano semanal usamos todas as semanas quando entramos na escola. O meu departamento que era o administrativo, preenchia o plano semanal todas as semanas”

“Fazemos autónomamente (...) só para nós não nos esquecermos caso haja alguma alteração, começamos por optar escrever no plano semanal e tiramos fotografia (...) e quem precisar consultar tinha logo ali o plano semanal”

PROFESSORES

-Os professores explicam como os alunos se organizam e planeiam o preenchimento da Agenda semanal.

“As alunas estão organizadas por grupo e preenchem o horário da semana”

“Isto na minha turma em tutoria usam muito, planeiam a semana e fazem o balanço semanal”

-Os professores referem que as mudanças constantes dos horários fazem com que o uso do instrumento se torne complicado.

“Usava até há pouco tempo, mas agora não me faz uso nenhum porque está sempre a mudar, então uso o Inovar”

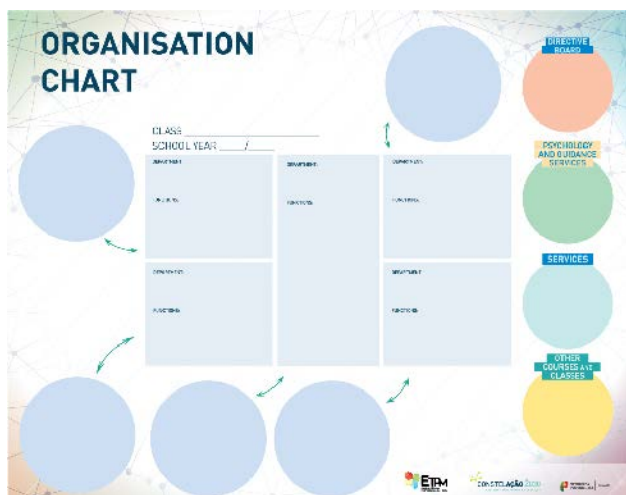
“As mudanças constantes levam a que eles fiquem confusos também porque depois fica um horário na sala escrito por nós, e no Inovar já existem algumas alterações”

2.11. Organograma

Instrumento de autorregulação de grupo/turma que reflete a sua organização por departamentos (departamento administrativo e executivo, logístico, ético, comunicação e imagem e recursos humanos) e as funções específicas a desenvolver.

Utilização→ Os alunos no início do ano letivo candidatam-se aos departamentos com a orientação dos tutores de turma para a futura distribuição de tarefas durante as tutorias de turma.

Figura 22. Organograma



ALUNOS

-40,4% dos alunos que responderam ao formulário usaram pouco o Organograma. Os alunos que referem ter usado o Organograma mencionaram que aconteceu apenas no início do ano letivo e outros referem nunca ter usado.

“Usamos só no início do 10º ano”

“Usamos só no início deste ano”

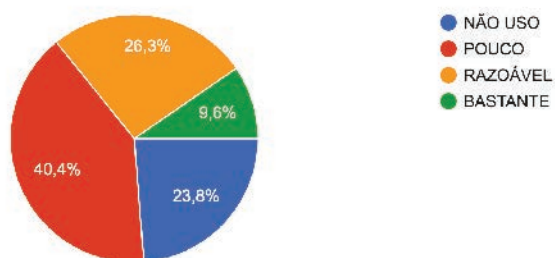
“Na nossa sala isso não está preenchido”

“Nós temos lá escrito quem é de cada departamento mas não usamos”

Figura 23. Gráfico do uso do Organograma

11. Em que medida usas o organograma?

240 respostas



-Para outros alunos, a organização da turma funciona principalmente pela distribuição dos departamentos do Organograma.

“Ajuda-nos bastante pelo menos no nosso curso, como é Organização de eventos, nós aproveitamos os departamentos para dividir tarefas”

PROFESSORES

-Vários professores usaram este instrumento de forma obrigatória mas muitos não deram continuidade ao trabalho para as atividades da sala de aula.

“Isto preenchi no primeiro ano e ficou”

“Eu nunca mais preenchi”

“Usamos só para fazer os departamentos”

“É normalmente preenchido no início do ano”

2.12. Reflexões globais

A partir da análise de cada um dos instrumentos, foram recolhidas as visões globais e recomendações feita pelos professores/formadores relativas aos instrumentos de (auto) regulação das aprendizagens.

Em termos globais, enquanto que para alguns professores o uso dos instrumentos é complicado, para outros, são ferramentas cujo uso tem melhorado durante o último ano.

“Eu acho bem nós termos estes instrumentos, mas eu acho que os miúdos não entram verdadeiramente nisto (...) Isto é uma guerra constante”, “Está muito melhor agora, do que estava no início do ano”.

Apesar destas diferenças, os professores constataam que o uso dos instrumentos depende tanto dos professores como dos alunos, sendo que a organização e a comunicação, a responsabilidade e a autonomia exige um trabalho em equipa entre ambas as partes. De seguida, expõem-se três pontos de recomendação/reflexão feitos por parte dos professores:

-Os professores sinalizam que para um bom funcionamento dos instrumentos, estes têm de surgir das necessidades do aluno e não apenas da necessidade do professor de preencher os formulários. Deve existir um trabalho de equipa entre o professor e o aluno, para que os alunos percebam a utilidade dos instrumentos a partir da sua **organização e planificação de forma autónoma**.

“O instrumento tem que nascer também da necessidade do aluno, não pode só ser provocada pela necessidade do professor, e nós conseguimos provocar essa necessidade em alguns instrumentos, e outros instrumentos nós como professores podemos alimentar (...) Muitas vezes está tudo preenchido porque tem de ser feito, mas não é da necessidade do aluno”

“Só depois quando eu pus a própria turma a trabalhar sozinha, foi aí que eles organizaram-se e preencheram o instrumento, eles próprios sentiram o que é que deviam fazer e colocar (...) É evidente que nós temos que fomentar nos miúdos essa necessidade e eles perceberem a utilidade dos instrumentos, mas muitas vezes faz-se porque se tem de fazer, e eu acho que isso não tem de ser feito”

-Os professores têm e devem adaptar o uso dos instrumentos de forma a gerar uma melhor **comunicação e colaboração**, trabalhando em função das características e das necessidades dos alunos, de forma individual e enquanto grupo/turma.

Desta forma, também os professores podem ter a iniciativa de modificar ou alterar a estrutura de alguns dos instrumentos tendo em conta as suas próprias necessidades enquanto docentes e para uma melhor compreensão enquanto equipa.

“Eu enquanto tutora, se conheço a minha turma, e se elas ainda não estão preparadas para dar aquele passo..tem de haver um pouco de flexibilidade e capacidade de adaptação com o uso dos instrumentos, e os alunos não percebem a utilidade”

“Eu acho importante alguns instrumentos serem realizados na sala, se calhar é muito individual, e isto promove também a comunicação e colaboração na turma”

“As modificações dos instrumentos foi uma iniciativa nossa, da equipa do desporto (...) começou com o protótipo do desporto, chama-se protótipo de literacia física e, a partir dali chegamos à conclusão que era preciso fazer uma série de coisas para nos organizarmos melhor”

- O tema da comunicação entre professor e aluno é essencial para o trabalho com os instrumentos. As instruções das atividades e dos desafios, as informações da avaliação e os descritores, devem ser claras e simples, para que assim o aluno, a partir do entendimento do que está a realizar, possa ser **responsável e autónomo** nas suas atividades e desafios, assim como ativo no seu **processo de avaliação**.

“Para mim é fundamental esta introdução ao módulo, o que é suposto aprender, e o que é o sucesso neste módulo (...) por um lado é preciso ter muito cuidado em estabelecer os descritores (...) por outro lado temos uma enorme dificuldade em descrever o que é o dez ou o vinte porque não nos baseamos em dados concretos”

“Nós, em termos de avaliação, temos de estar a simplificar pelo menos a compreensão que o aluno tem do processo de avaliação, porque se ele compreender, mais facilmente ele poderá participar (...) Também nós como professores temos que encontrar e tornar este processo mais claro, e se calhar ainda não o fizemos enquanto equipa”t

3.



3. Trabalho Autônomo Parte II

Como continuação do Relatório Intermédio do Desenvolvimento do Trabalho Autônomo redigido em julho de 2021, expõe-se de seguida o ponto de situação, as definições, as forças, as fraquezas e exemplos de implementação realizados pelos professores/formadores em cada um dos níveis e indicadores do Trabalho Autônomo.

A ETPM define o trabalho autónomo como a criação de oportunidades/espacos/momentos, através de orientação e supervisão da equipa pedagógica, síncrona e assíncrona, para que os alunos desenvolvam a autonomia na capacidade de planeamento e avaliação da sua aprendizagem. O trabalho autónomo desenvolve-se no âmbito dos módulos, unidades de formação de curta duração e unidades de formação de qualquer disciplina, previstas nas matrizes curriculares de todas as turmas de todos os cursos profissionais.

O tema do planeamento e balanço encontra-se ligado diretamente com o trabalho autónomo, temas que a ETPM em conjunto com a equipa pedagógica tem implementado nas suas aulas juntamente com os instrumentos de (auto) regulação das aprendizagens. Assim, como é referido pela coordenação: “Estas questões de planeamento e de balanço que eles aprendem aqui, servem para lhes dar a capacidade de se organizarem para poderem viver de forma mais estruturada e sistematizada nesse mesmo processo”.

Para a prática do trabalho autónomo e como resultado dos dados recolhidos, foram identificados pelos professores dois instrumentos essenciais no desenvolvimento do trabalho autónomo, sendo eles o Guião de aprendizagem autónomo e o Google Classroom (Figura 13).

Relativamente à utilização do Guião de Aprendizagem Autónomo, alunos e professores referem de seguida as diferentes formas de utilização:

-Os alunos indicam que a utilização do Guião de Aprendizagem Autónomo têm sido feita de forma presencial e à distância.

“Nós usamos quando estamos à distância e quando é presencial (...) através do guião podemos consultar aquilo que nos é pedido”

“Os professores deixam no Classroom e nós temos de fazer”

-Relativamente aos professores, alguns usam o instrumento só quando têm aulas à distância, enquanto que outros utilizam durante as suas aulas presenciais. Exemplificam também algumas situações de uso com atividades externas à escola.

“Uso os guiões só quando tenho aulas à distância”

“Em aulas presenciais não uso”

“Quando eu peço trabalhos, apesar de as aulas serem presenciais, eu tenho sempre um guião do trabalho autónomo, sempre faço um momento síncrono com eles e explico sempre o guião”

“Temos atividades, saídas e visitas de estudo, e há alunos que não vão ou que estão limitados para fazer determinadas coisas. Nós continuamos a dar-lhes um guião de trabalho autónomo”

Tendo como referência as diferentes formas de utilização do Guião de Aprendizagem Autónomo com o Google Classroom tanto pelos professores como pelos alunos, expõem-se a seguir três exemplos específicos do trabalho autónomo com os seus respectivos níveis de complexidade.

3.1. Exemplos de Trabalho Autônomo

Para o desenvolvimento do trabalho autônomo, e em conjunto com a utilização dos instrumentos dos Guiões de Aprendizagem Autônomo, são considerados três níveis de complexidade: nível básico, nível intermédio e nível avançado.

A coordenação da ETPM refere que “A ideia dos níveis surge porque já havia alguma prática instalada na escola, alguns exemplos, em que a autonomia dentro do ambiente da sala de aula já podia ser exercida através da diferenciação pedagógica”.

De modo a exemplificar algumas ações que estão a ser implementadas entre o ano 2021 e 2022, expõem-se de seguida três exemplos de cada um dos níveis que têm sido desenvolvidos na ETPM com professores, alunos e entidades parceiras, junto com os quatro Indicadores do Trabalho Autônomo (Figura 24) e a sua descrição (Quadro 1) autonomia e responsabilidade; organização e planeamento; comunicação e colaboração; motivação e disponibilidade.

Figura 24. Estrutura do Trabalho Autônomo



Quadro 1. Indicadores e descrição do trabalho autônomo

Indicadores	Descrição
Autonomia e Responsabilidade	Independência e a responsabilidade dos alunos na tomada de decisões e na realização/execução de determinadas tarefas e atividades de aprendizagem, dentro e fora da escola.
Organização e Planeamento	Capacidade dos alunos no planeamento e organização na realização dos desafios/atividades/tarefas.
Comunicação e Colaboração	Colaboração, cooperação e trabalho em equipa na realização de desafios/tarefas/atividades em articulação com os professores e alunos. Comunicação, feedback de forma empática e assertiva entre os alunos e os professores.
Motivação e Disponibilidade	Motivação, interesse, vontade, dedicação, empenho, propósito e perseverança individual e coletiva dos alunos ou professores nas atividades fora e dentro da escola. A causa, a origem e a razão pela qual certas ações são realizadas pelos alunos ou professores.

3.1.1. Nível 1. Básico

Definição: Os alunos desenvolvem atividades de aprendizagem autónoma dentro dos tempos letivos previstos, com supervisão presencial e direta do(s) professor(es) responsável(is) pela área(s) disciplinar(es). A proposta de atividade(s) é da responsabilidade do(s) aluno(s), em articulação com o(s) professor(es). São estabelecidas, previamente, evidências de processo ou de produto de aprendizagem, bem como o feedback do(s) professor(es). As fases de implementação da(s) atividade(s) e a avaliação e autoavaliação pedagógica são realizadas dentro do(s) tempo(s) letivo(s) estipulados e de forma presencial.

A coordenação e direção da escola refere que este é o nível que se procura ter na prática pedagógica da ETPM. “Nós esperamos que exista na escola de forma básica”, onde os alunos ou alunas consigam desenvolver uma autonomia básica durante os tempos letivos com algum tipo de supervisão direta dos professores: “A autonomia, ou querer alcançar um processo cada vez mais autónomo, não quer dizer ser autónomo por si só, é preciso acompanhamento, orientação e intencionalidade”.

Descrição do exemplo do Nível 1 feita pelo professor:

A atividade de trabalho autónomo realizada consistiu na criação de Guiões de Aprendizagem à Distância para a aula de Educação Física durante o período da pandemia do Covid-19.

Os alunos realizaram tarefas, através de instruções claras nos guiões colocados no Classroom. Os desafios eram desenvolvidos em casa durante as aulas síncronas ou fora das aulas síncronas, com supervisão direta online. No caso em que o aluno não terminasse durante o tempo síncrono, era definida uma data específica de entrega.

No caso específico do módulo de aptidão física, os alunos realizaram exercício físico na sua casa, analisaram sinais de fadiga e de controlo de esforço e, de forma prática, aplicaram conhecimentos relativos à medição da frequência cardíaca e percepção de esforço.

A avaliação esteve sempre relacionada com os produtos finais definidos para cada tarefa onde, de acordo com os dados recolhidos, era possível perceber se o aluno tinha ou não adquirido a competência em contexto real.

Dificuldades:

A grande dificuldade consistia na disponibilidade em dar feedback em tempo útil. Sendo o trabalho autónomo, os alunos poderiam realizá-lo em momentos diferentes do momento formal da aula, sendo por vezes incompatível com a disponibilidade do professor. Para colmatar isso criaram-se vários canais de comunicação mais direta e imediata como o Hangouts, Whatsapp, e o Mail.

Benefícios:

O grande benefício consistiu na capacidade de autonomia dos alunos na construção do seu próprio conhecimento. Os alunos começaram a perceber de que forma podem aprender sem a necessidade imediata do professor, estando no entanto ainda dependentes de algumas orientações iniciais.

Quadro 2. Exemplo de Nível 1. Indicadores do Trabalho Autônomo

Exemplo de Nível 1 de TA Indicadores do Trabalho Autônomo	
Autonomia e Responsabilidade	A maioria dos alunos tiveram autonomia e responsabilidade na realização das tarefas pedidas em tempos síncronos e diferenciados na aula à distância.
Organização e Planeamento	Os alunos tiveram de organizar e planificar o seu tempo para a realização do desafio, sendo realizado de forma síncrona, à distância ou no tempo definido pelo professor.
Comunicação e Colaboração	Os alunos criaram canais de comunicação alternativa para estabelecerem contato com os colegas e o professor.
Motivação e Disponibilidade	No início do período de confinamento, a dinâmica era atrativa e os alunos tinham uma disponibilidade participativa na sua realização. Posteriormente com o excesso de trabalhos das restantes disciplinas, os alunos realizam o trabalho apenas para cumprirem o estipulado e evitarem módulos em atraso.

3.1.2. Nível 2. Intermédio

Definição: Os alunos desenvolvem atividades de aprendizagem autónoma dentro dos tempos letivos previstos, mas em espaços de aprendizagem diferenciados, dentro do campus escolar, com supervisão assíncrona e indireta do(s) professor(es) responsável(is) pela área(s) disciplinar(es) envolvida(s). São definido(s) outros elemento(s) da equipa pedagógica (professor(es), pessoal não docente) que supervisionam a assiduidade, pontualidade e desempenho comportamental do(s) aluno(s). A proposta de atividade(s) é desenhada e implementada numa articulação entre o(s) aluno(s) e o(s) professor(es) da(s) área(s) disciplinar(es) envolvida(s), podendo partir de uma lista de propostas pré-estabelecidas pelo(s) professor(es), ou surgir de uma lista proposta pelo(s) aluno(s) ou no seguimento de um desafio/projeto/iniciativa. São estabelecidas, previamente, evidências de processo ou de produto de aprendizagem, os tempos de realização das tarefas e os tempos de monitorização e feedback do(s) professor(es). As fases de implementação da(s) atividade(s) e a avaliação e autoavaliação pedagógica são realizadas de forma assíncrona, síncrona presencial, síncrona à distância.

O nível 2 consiste na aprendizagem fora da escola ou dentro da escola em oportunidades com lugares diferenciados mas sem a supervisão direta do professor ou responsável. Este nível surgiu das parcerias realizadas, onde os alunos colocam em prática sobretudo as competências técnicas e socioemocionais como as FCT, as mobilidades e os eventos.

A coordenação da ETPM explica que não é necessário aprender no mesmo local onde está o professor: "O grupo inteiro ou uma grande parte do grupo pode estar num local diferente, mas a aprender na mesma. Isso quer dizer que a escola não tem que ser o único espaço e o único local onde estes alunos podem aprender, eles podem estar noutros espaços e noutros locais onde têm outros contextos onde podem aprender melhor. Portanto a escola não tem de reproduzir a realidade toda existente do mundo dentro dela própria, o importante é que os alunos possam sair".

Descrição do exemplo do Nível 2 feita pelo professor:

Esta atividade foi realizada com a iniciativa do professor. A atividade permitiu analisar o nível da turma em termos de responsabilidade, de autonomia, de trabalho em equipa e colaboração.

Desta forma, os alunos usaram tempos livres dentro do horário escolar para realizarem atividades, com a ajuda de um Guião de Trabalho Autónomo realizado pelo professor.

O guião foi dividido em dois tempos autónomos. O primeiro com o formulário específico de acordo com o tema da aula e o segundo com a atividade proposta para ser realizada em equipa.

A atividade consistiu em jogos de voleibol de quatro elementos em equipas de dois alunos. Os alunos com o apoio do guião, onde estavam descritas as regras da atividade a realizar, desenvolveram a atividade, junto com o departamento de Recursos Humanos da Turma, que contabilizou os resultados de todas as equipas e entregou os resultados ao professor.

Dificuldades:

Uma das dificuldades descritas pelos professores, consistiu na falta de percepção relativa ao empenho e atitude dos alunos durante a realização dos desafios na aula.

Benefícios:

Promover a capacidade do aluno para se organizar;

Promover a capacidade de reflexão/auto avaliação/auto regulação;

Consciencialização sobre a importância da atividade física neste período de quarentena;

Responsabilidade e Cidadania Ativa;

Pensamento Crítico e Resolução de Problemas;

Aprendizagem dos princípios de jogo e das regras da modalidade de Voleibol;

Desenvolver capacidades do jogo de voleibol.

Quadro 3. Exemplo de Nível 2. Indicadores do Trabalho Autónomo

Exemplo de Nível 2 de TA Indicadores do Trabalho Autónomo	
Autonomia e Responsabilidade	Os alunos tiveram autonomia e responsabilidade na definição do horário para a realização das atividades. O Departamento de Recursos Humanos foi o responsável por garantir os resultados finais de cada um das equipas.
Organização e Planeamento	Os alunos organizaram e planificaram entre eles o tempo de uso do polidesportivo em relação à sua disponibilidade, para a utilização ordenada das equipas da turma.
Comunicação e Colaboração	Houve comunicação e colaboração entre cada equipa para a realização da atividade. Existiu igualmente coordenação com o Departamento de Recursos Humanos para a contabilização dos resultados dos membros de cada equipa
Motivação e Disponibilidade	Os alunos tiveram disponibilidade pela liberdade que tinham na escolha dos horários. Os alunos estiveram motivados já que conseguiram aproveitar melhor o jogo de vôlei.

3.1.3. Nível 3. Avançado

Definição: Os alunos desenvolvem atividades de aprendizagem autônoma dentro dos tempos letivos previstos e que poderão ser diferentes para cada aluno, ou grupo de alunos. Os espaços de aprendizagem são diversificados, fora do campus escolar, de acordo com uma proposta prévia, definida pela equipa pedagógica, integrando as aprendizagens essenciais/objetivos de aprendizagem previstos, as necessidades e os interesses de cada aluno e as oportunidades que existem ou que poderão ser criadas. A proposta de atividade(s) é desenhada e implementada numa articulação entre o(s) aluno(s) e o(s) professor(es) da(s) área(s) disciplinar(es) envolvida(s), podendo partir de uma lista de propostas pré-estabelecidas pelo(s) professor(es), ou surgir de uma lista proposta pelo(s) aluno(s) ou no seguimento de um desafio/projeto/iniciativa. A supervisão é assíncrona e indireta do(s) professor(es) responsável(is) pela área(s) disciplinar(es) envolvida(s). São definidas formas de controlo de assiduidade nos locais e tempos estipulados para cada aluno. São estabelecidas, previamente, evidências de processo ou de produto de aprendizagem, os tempos de realização das tarefas e os tempos de monitorização e feedback do(s) professor(es). As fases de implementação da(s) atividade(s) e a avaliação e autoavaliação pedagógica são realizadas de forma assíncrona, síncrona presencial, síncrona à distância.

O nível 3 considera que a aprendizagem, as atividades e os desafios não têm que ser iguais para todos os alunos nem decorrer apenas dentro da escola. As visitas de estudo não têm de ser iguais para todos e a forma de avaliação pode ser diversificada. O aluno pode propor o modo e o local onde efetua a sua aprendizagem, existindo assim uma diferenciação dos espaços de trabalho consoante o aluno, as suas necessidades e interesses, sempre interligados com os objetivos de aprendizagem da área em questão.

Descrição do exemplo do Nível 3 feita pelo professor:

Uma empresa fez um convite aos alunos de forma individual e estes trabalharam autonomamente durante um evento específico. A diretora de curso em conjunto com o aluno e antes da participação no evento, analisaram os objetivos das UFCD da área técnica para integrar no esquema de trabalho registado no instrumento diário de bordo. Este instrumento foi preenchido pelo aluno durante a execução do evento para que fosse possível a avaliação do gestor que acompanhou, assim como a avaliação dos professores da componente técnica do curso.

Uma vez que os alunos tiveram um horário diferenciado da restante turma, os professores da área sociocultural e científica desenvolveram guiões de trabalho autónomo para que os alunos continuassem a desenvolver as aprendizagens dos vários objetivos das disciplinas. Como forma de conclusão da participação, os alunos realizaram um vídeo e um relatório final de avaliação do evento.

Dificuldades:

A diretora de curso refere: “Enquanto diretora de curso senti dificuldades no início em compreender como seria possível todo o processo uma vez que o restante grupo/turma continuaria com aulas presenciais. Em relação aos alunos não senti grandes dificuldades uma vez que os mesmos demonstraram uma grande capacidade de autonomia, responsabilidade e capacidade de resolução de problemas para este desafio”.

Benefícios:

Para a diretora de curso: “Os benefícios para os alunos foram muitos, uma vez que desenvolveram uma grande capacidade de independência e de responsabilidade. Tiveram oportunidade de tomada de

decisões e de realização/execução de determinadas tarefas promovendo atividades de aprendizagem fora do contexto escolar. Também teve benefícios ao nível da motivação, interesse, vontade e dedicação de aprender mais sobre a área técnica de realização de eventos. Desenvolveram a capacidade de planeamento e organização da realização dos desafios/atividades/tarefas dadas ao longo do evento mas também dos guiões realizados por todo o conselho de turma”.

O gestor da entidade parceira:

O gestor que acompanhou a aluna na realização dos eventos fazendo prática do trabalho autónomo no nível 3 de complexidade, referiu que a “A aluna esteve lá para aprender” mas também já contava com as capacidades, o conhecimento e as habilidades para trabalhar em qualquer área do setor: “Ela pode organizar um evento sozinha”.

A competência de pensamento crítico e resolução de problemas foi altamente mencionada pelo gestor: “A aluna faz tudo, tudo o que acontecer, ela resolve”, e refere que “Ela é uma mais valia para a escola”, já que mostrou responsabilidade, autonomia e vontade de aprender, o que garante para a aluna um trabalho futuro na área do curso técnico em questão.

Quadro 4. Exemplo de Nível 3. Indicadores do Trabalho Autónomo

Exemplo de Nível 3 de TA Indicadores do Trabalho Autónomo	
Autonomia e Responsabilidade	Os alunos mostraram autonomia e responsabilidade na realização das atividades com a empresa, assim como nos desafios propostos pelos professores. Eles tiveram autonomia no lugar e na calendarização de trabalho dos seus guiões.
Organização e Planeamento	Os alunos organizaram e planificaram o esquema de trabalho no diário de bordo junto com os objetivos das UFCD da área técnica a desenvolver no evento. Também organizaram o seu tempo para realizar os desafios colocados pelos professores a serem feitos na sala de aula.
Comunicação e Colaboração	Criaram uma boa colaboração com os integrantes da entidade parceira durante o evento, assim como uma excelente comunicação com a diretora de curso e com os professores.
Motivação e Disponibilidade	A participação em neste tipo de atividades externas à escola, representaram uma ampla disponibilidade e autonomia por parte dos alunos. Mostrando uma motivação constante no processo e na dinamização do evento, já que o aluno consegue aplicar o aprendido num ambiente de trabalho real, na prática no terreno.

Os exemplos anteriormente referidos, mostram as diferentes formas de abordagem que alguns dos professores colocam em prática no desenvolvimento do trabalho autônomo, com os seus respetivos níveis de complexidade. Enumerar estes exemplos realizados pelos próprios professores, partilhar as suas dificuldades e benefícios no processo, irá ajudar na criação de mais circuitos de autonomia entre os alunos em conjunto com os professores, de forma a que o aluno possa construir e propor a melhor forma para desenvolver a sua aprendizagem e a sua avaliação.

Sabemos que cada aluno tem diferentes processos de aprendizagem e, de igual forma, a aprendizagem e a autonomia varia de aluno para aluno. A autonomia é uma competência que é trabalhada, treinada e aprendida.

O desenvolvimento do trabalho autônomo consiste em acompanhar o aluno no seu processo de autonomia, a ser treinado em diversas dinâmicas dentro e fora da escola. O tipo de acompanhamento que é feito ao aluno, seja pelo professor, pelo tutor ou pelos responsáveis está assim dependente do nível de complexidade do trabalho autônomo.

A importância do Guião de Aprendizagem Autônomo centra-se na liberdade do aluno para organizar, planificar e realizar as diferentes atividades no melhor tempo e forma possível. Da mesma forma, o instrumento ajuda na organização e liberdade do professor na supervisão específica (definição do tempo síncrono e assíncrono de avaliação e de acompanhamento) da atividade dentro da sua prática académica, o que coloca em prática a autonomia e a responsabilidade do aluno.

3.2. Grupo 16 estrelas

O “Grupo 16 estrelas” surgiu como parte integrante do projeto de investigação “O aluno autónomo no planeamento e autoavaliação das suas aprendizagens. Práticas pedagógicas usadas no ensino profissional na ETPM.

O objetivo do grupo consistiu na investigação em conjunto com os mesmos, das diferentes visões, experiências, dificuldades e sugestões relativamente às aprendizagens essenciais. Estas a serem desenvolvidas ao nível de turma ou ao nível global da escola, seja dentro ou fora da escola como as tarefas/desafios das diferentes disciplinas, durante as tutorias, os eventos, as mobilidades, as FCT e ou as Provas de Aptidão Profissional (PAP).

Assim foi investigado juntamente com os alunos:

1. Os usos de cada um dos instrumentos de (auto) regulação das aprendizagens;
2. As metodologias e as práticas pedagógicas usadas nas suas aulas, para o desenvolvimento da autonomia e dos seus três níveis correspondentes ao trabalho autónomo;
3. As dinâmicas experimentadas para o desenvolvimento de uma cidadania ativa, nos domínios da Educação para a Cidadania;
4. As relações das práticas pedagógicas com o desenvolvimento das competências do perfil do aluno da ETPM, usadas pelos professores ou usadas nas dinâmicas externas à escola.

Para ser uma investigação integrada com dois representantes de cada curso, a escolha dos mesmos não foi de alunos bem-sucedidos. A escolha foi realizada pelos tutores de cada turma, onde selecionaram dois alunos, um com características proativas sem ter de ser o aluno com maior sucesso, e um aluno com algum tipo de dificuldade nas aulas, seja de integração ou motivação. Desta forma a investigação foi criada com uma variedade de perspetivas ponderadas, com visões e experiências tanto positivas como negativas. Foi assim que o grupo foi composto, por 16 alunos do décimo primeiro ano, dois alunos por cada curso técnico, Auxiliar de Saúde, Restauração, Ação Educativa, Produção Agropecuária, Organização de Eventos e Soldadura.

As atividades foram realizadas duas vezes por semana, com a duração de uma a duas horas. Além das atividades de investigação, realizaram-se várias sessões de debates, atividades de expressão, criação de projetos, balanços mensais e semanais entre os meses de maio e dezembro de 2021.

No decorrer das atividades alguns alunos que não faziam parte do grupo na fase inicial foram participando de forma ativa, integrando-se no grupo por iniciativa própria e de forma motivada e interessada.

Em paralelo foram criadas atividades com outros alunos que participaram na iniciativa Educação 2030 da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE). Um dos temas relacionava-se com o bem-estar e foi realizado um vídeo com base numa investigação relativa ao bem-estar dos alunos da ETPM. A investigação teve como base entrevistas informais onde os alunos questionavam os restantes

estudantes sobre qual a sua percepção relativa ao bem-estar escolar e pessoal. O vídeo fez posteriormente parte do Concurso Nacional Juvenil organizado pela Direção-Geral da Educação (DGE) e a Ordem dos Psicólogos: Artes, Ciências e Letras pela saúde: "Mantém-te ao leme!" de 2021.

A partir da investigação e das atividades realizadas, o grupo de 16 estrelas teve um papel primordial na construção dos recursos para a recolha e análise de dados.

Para a recolha de dados quantitativos, ajudaram com a definição das perguntas a usar nos formulários aplicados aos outros alunos da escola, tendo uma participação de 241 alunos. No caso da recolha dos dados qualitativos, formaram parte dos três focus groups realizados e em alguns casos foram dinamizadores e moderadores dos mesmos.

O grupo teve uma aproximação às práticas de investigação participativa, com a missão de, através da obtenção de dados específicos e a partilha dos mesmos, representar a sua própria voz, do grupo e dos alunos da ETPM.

3.2.1. Projeto troca de cursos. Exemplo de trabalho autónomo

Como parte da investigação e proposta do grupo 16 estrelas, foi criado o projeto Troca de Cursos onde os jovens, através de sessões de experimentação, mostravam e ensinavam aos colegas o que realizavam nos respetivos cursos profissionais da ETPM.

O objetivo consistiu em criar um protótipo de ação, organizado e implementado pelos 16 alunos finalistas das várias áreas de formação, desenvolvendo uma base de atividades de divulgação de oferta formativa a ser aplicada posteriormente com os alunos da ETPM e com alunos externos.

Desta forma, os estudantes representantes de cada curso organizaram e planificaram autonomamente as atividades a serem realizadas durante cada sessão de experimentação pelo restante grupo e com a participação voluntária de alunos externos ao mesmo.

As várias experiências e conhecimentos foram partilhados durante as atividades do protótipo junto com os colegas nos diferentes espaços das áreas técnicas do respetivo Curso Profissional.

Os alunos do Curso Profissional Técnico de Soldadura realizaram uma visita guiada à oficina, demonstrando como praticam as técnicas de solda e que instrumentos, ferramentas e materiais utilizam. Explicaram ainda que medidas e equipamentos de proteção e segurança, cumprem e utilizam no desenvolvimento das suas atividades.

Os jovens do curso Profissional Técnico Auxiliar de Saúde mostraram ao grupo a forma correta de posicionar e higienizar o paciente acamado, partilhando a sua experiência nas FCT, assim como as suas dificuldades e vivências.

Os alunos do curso Profissional Técnico de Produção Agropecuária, por sua vez, apresentaram a Quinta Pedagógica da ETPM e desenvolveram diversas atividades, nomeadamente, alimentação dos animais, plantação de alface e alho francês e condução do trator da Quinta Pedagógica. Foi realizada uma demonstração dos produtos que são produzidos e posteriormente utilizados no refeitório da escola e pelos colegas do curso do curso Profissional de Restauração para a Oficina - Restaurante de Aplicação.

Em relação aos alunos do curso Profissional Técnico de Ação Educativa, foram realizadas dinâmicas com crianças de uma turma do Colégio Corte Real. As ações consistiram em atividades que um técnico da área deve realizar no trabalho com as crianças, nomeadamente o seu cuidado, higiene, alimentação e dinâmicas lúdicas.

Os alunos dos cursos Profissionais de Restauração, Cozinha-Pastelaria e Restaurante-Bar, receberam o “Grupo de 16 estrelas proporcionando uma experiência de um dia de trabalho na cozinha e no bar. Realizaram assim a elaboração de um ementa, a preparação de alimentos, a limpeza dos espaços e o serviço dos alimentos e das bebidas no restaurante.

Como parte de uma das atividades finais e do curso Profissional Técnico de Organização de Eventos, os alunos criaram uma proposta de atividades para o último dia de aulas de toda a comunidade escolar. Desta forma, o grupo organizou um evento tendo em conta as suas diversas fases, desde o planeamento, à execução e à avaliação. Foram realizados jogos tradicionais, um programa de Got Talent e Karaoke com o objetivo de integrar atividades participativas e motivadoras entre alunos, professores/formadores e pessoal não docente.

Figura 25. Fotografias do desenvolvimento do projeto de troca de cursos



Os alunos, de forma autónoma e motivadora, coordenaram as sessões com os alunos das suas turmas e os professores das áreas técnicas correspondentes. O projeto Troca de Cursos foi um exemplo de Trabalho Autónomo desenvolvido pelos estudantes, onde mostraram Autonomia e Responsabilidade, Organização e Planificação, Comunicação e Colaboração e, Motivação e Disponibilidade, cada um dos Indicadores do Trabalho Autónomo, como se exemplifica de seguida no Quadro 5:

Quadro 5. Exemplo projeto Troca de Cursos. Indicadores do Trabalho Autônomo

Exemplo Grupo 16 estrelas Projeto Troca de Cursos Indicadores do Trabalho Autônomo	
Autonomia e Responsabilidade	Os alunos tiveram a autonomia e a responsabilidade na tomada de decisões das ações necessárias para a implementação do projeto Troca de Cursos. O projeto não foi obrigatório nem integrou o currículo, pelo que demonstraram iniciativa e autonomia total na sua
Organização e Planeamento	Os alunos tiveram a autonomia e a responsabilidade na tomada de decisões das ações necessárias para a implementação do projeto Troca de Cursos. O projeto não foi obrigatório nem integrou o currículo, pelo que demonstraram iniciativa e autonomia total na sua implementação.
Comunicação e Colaboração	Os alunos trabalharam colaborativamente entre eles para implementar as atividades. Houve comunicação clara e dinâmica entre o grupo e com a comunidade escolar (alunos, professores, coordenadores e pessoal não docente).
Motivação e Disponibilidade	A motivação e a disponibilidade na realização do projeto Troca de Cursos da maioria dos participantes foi constante durante as dinâmicas. Houve uma motivação por parte dos alunos que ensinaram o seu curso aos outros colegas. Assim como também houve curiosidade e motivação dos mesmos alunos de conhecer os cursos dos outros colegas

O projeto piloto Troca de Cursos foi uma forma de compreender o trabalho das várias áreas profissionais, promovendo a articulação entre os cursos Profissionais da ETPM. Representou também uma prática educativa de aprendizagem de aluno para aluno, onde foi possível investigar sobre a forma de fazer aprender partindo da experiência.

Deste modo, aprenderam partindo da ação, da autonomia, da motivação e da prática ativa das competências do perfil do aluno.

- Os alunos mostraram-se criativos na seleção das dinâmicas;
- Foram comunicativos e colaborativos, tanto entre eles como com a comunidade escolar que participou no projeto;
- Foram responsáveis na elaboração das atividades e no confronto com os participantes;
- Atuaram com pensamento crítico na resolução de problemas diante dos diversos desafios apresentados.

“Ser Professor por um dia”, promoveu a compreensão e a valorização do trabalho dos alunos pelos diversos cursos da ETPM pelos mesmos alunos, expondo as suas dificuldades, o trabalho e os desafios, sendo um projeto a ter continuação anual dentro da ETPM e como demonstração da oferta formativa a alunos externos.

4.



4. Educação para a Cidadania

Com base nos resultados obtidos do relatório intermédio do Trabalho Autónomo, na investigação desenvolvida com o grupo 16 estrelas e, perante a questão “Como podemos motivar os alunos?” concluímos que os alunos necessitam de se sentirem ouvidos.

Desta forma, é necessário proporcionar momentos e espaços de partilha e diálogo onde os alunos exercitem a sua intervenção cidadã de forma crítica, argumentativa, autónoma e responsável, trabalhando assim as competências necessárias para a aprendizagem ao longo da vida.

A Direção-Geral da Educação criou a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania (ENEC) que “propõe que os alunos e as alunas na componente curricular Cidadania e Desenvolvimento realizem aprendizagens através da participação plural e responsável de todas e todos na construção de si como cidadãos/ãos e de sociedades mais justas e inclusivas, no quadro da democracia, do respeito pela diversidade e da defesa dos Direitos Humanos” (Monteiro, R., 2017, pp3).

A ENEC propõe a aquisição de autonomia nas escolas para a implementação dos domínios da Educação para a Cidadania, visando o desenvolvimento dos princípios, dos valores e das áreas de competências do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, através de uma abordagem curricular a dois níveis:

A - Ao nível de cada turma;

B - Ao nível global da escola.

Perante isto, a ETPM concebeu uma abordagem da Cidadania e Desenvolvimento dois níveis, implementando as tutorias de turma ao nível de cada turma, assim como ao nível global através da criação da assembleia de alunos.

4.1. Implementação de Cidadania e Desenvolvimento no âmbito dos Cursos Profissionais na ETPM

A ETPM implementa as tutorias de turma como o lugar para a operacionalização sistemática dos domínios e das aprendizagens esperadas em Cidadania e Desenvolvimento. A Área de Integração é abordada pelos diretores de turma durante as tutorias de turma. A função do diretor de turma transformou-se na função de tutor de turma, com o fim de ser uma capacidade preventiva, construtiva e transformadora, através de um processo regular (bi semanal) de aprendizagem, participativo e colaborativo e focado na resolução de problemas e desafios concretos e do dia-a-dia.

Nas Tutorias de Turma são desenvolvidas, para além das competências transversais, de forma ainda mais incisiva, nomeadamente através do trabalho realizado pelos diferentes departamentos pelos quais os alunos se organizam (Departamento de Recursos Humanos, de Comunicação e Imagem, Logístico, Ético, Administrativo e Executivo) os objetivos de aprendizagem de Área de Integração, que fazendo parte da componente de formação sociocultural, indicam um foco de análise fundamental para as possibilidades de operacionalização dos domínios e aprendizagens esperadas em Cidadania e Desenvolvimento.

A tutoria de turma é um local, um momento, uma oportunidade para o aluno se construir, a si, com os outros, passando por etapas concretas que acomodam os pontos de partida de cada um, de cada grupo/turma e até características específicas relacionadas com a dinâmica de cada curso profissional.

Conheço o outro? Conheço a Escola? Conheço o meu Curso Profissional? Conheço-me a mim próprio? Somos uma equipa? Estabeleço/Estabelecemos objetivos? Gerimos o nosso tempo e espaço?

As perguntas anteriores, são alguns dos exemplos das questões-problema que desencadeiam todo um processo estruturado com Cidadania e Desenvolvimento, compondo a seguinte relação:

1. Que competências transversais, do perfil do aluno ETPM, vamos desenvolver?
2. Quando, com que sequencialidade e simultaneidade?
3. Para cada domínio de competências em sequencialidade ou simultaneidade, que temas-problema, domínios vamos explorar, tendo em conta o desenvolvimento de: uma atitude cívica individual, do relacionamento interpessoal e do relacionamento social e intercultural?

Os tutores utilizam diversos instrumentos de (auto) regulação das aprendizagens para implementar estas atividades, sendo o Plano de Melhoria um dos principais instrumentos utilizados na autoavaliação das competências para o desenvolvimento dos domínios de Cidadania e Desenvolvimento, tanto para o aluno de forma individual, como para o grupo de forma coletiva.

4.2. Práticas para uma participação política nas tutorias de turma

Os tutores de turma são uma ligação essencial para a implementação de dinâmicas com os alunos para a abordagem do currículo de Cidadania e Desenvolvimento na ETPM.

Na componente do currículo de Cidadania e Desenvolvimento (CD), os professores têm como missão preparar os alunos para a vida, para serem cidadãos democráticos, participativos e humanistas, numa época de diversidade social e cultural crescente, no sentido de promover a tolerância e a não discriminação, bem como de suprimir os radicalismos violentos. (DGE)

Os tutores de turma da ETPM, têm incluído dinâmicas de cidadania ativa nas suas aulas das diversas áreas de estudos de interesse nacional e internacional. Dinâmicas que incentivam a prática de um diálogo intercultural, de tolerância, de não exclusão, permitindo o respeito, o entendimento do outro e a diversidade de ideias e pensamentos.

Perante a pergunta feita aos professores "Como têm trabalhado a cidadania ativa?", os professores listaram alguns exemplos tais como: a atividade de discussão das eleições presidenciais dos Estados Unidos de 2016 e de 2021; as atividades relativas à sustentabilidade e à pegada ecológica; as atividades de análise dos casos e das medidas de Covid-19 durante a pandemia de 2020; e as atividades de criação de notícias nos diversos temas de interesse.

Entre estas atividades, destacam-se as atividades relativas às temáticas da política e do debate, nomeadamente a das Eleições Autárquicas, realizada por vários tutores e tendo como base um guião de trabalho que auxiliou no desenvolvimento das tutorias de turma.

A dinâmica foi realizada após as eleições tendo, sido projetados na sala de aula os resultados do distrito

de Setúbal através do site do Diário de Notícias. Posteriormente, os alunos em grupo responderam às seguintes questões:

Para que servem as eleições Autárquicas?

Que cargos/representantes são eleitos?

Como afetam a tua vida?

Quais foram os resultados na tua área de residência?

Relativamente às temáticas e dinâmicas usadas os tutores referem o seguinte:

“A atividade em tutoria de conhecer as ideias de cada vertente política dos partidos partidários do momento em Portugal, foi onde os alunos perceberam que o próprio ato de ir votar era um ato de cidadania”.

“Eu fiz bastante debate com a minha turma, e até foi uma ideia deles (e achei muito interessante porque a ideia partiu deles e não partiu de mim) foi fazer debates para eles conseguirem colocar as opiniões deles e refletir a respeito daquilo. Falamos sobre política, cada um escolheu um partido político que gostava ou tinha curiosidade (...) Uns fizeram um teste na internet que diz que partido um seria, e apresentaram e discutiram sobre isso e sobre vários outros assuntos como fascismo, homofobia. E foi muito interessante porque a partir daquele momento eles começaram pensar um pouco realmente como é uma sociedade, a sociedade portuguesa neste caso” (Tutor de Turma).

Estas dinâmicas incentivadas pelos tutores de turma, de debate e discussão com vista a uma consciencialização social e individual dos alunos, são ações com um alto grau de participação e interesse por parte dos estudantes, demonstrando que podem ser futuras dinâmicas a realizar nas diferentes áreas curriculares e integradas com a Assembleia de Alunos.

4.3. Assembleia de alunos

A partir dos dados das dinâmicas usadas pelos professores, das motivações dos alunos de serem ouvidos e com o objetivo da ETPM para o aprofundamento da implementação de Cidadania e Desenvolvimento no âmbito dos Cursos Profissionais, iniciou-se o projeto para a formação de uma assembleia de alunos em setembro de 2021.

Perante os objetivos nacionais de incentivo para a prática de uma participação ativa, para uma melhoria na educação e para uma presente e futura cidadania, foi criado um programa de trabalho para desenvolver com a assembleia de alunos da ETPM.

O programa foi estruturado com o apoio da Direção Pedagógica e dos professores que integram a Liderança de Tutores, para assim incluir os temas dos três grupos dos Domínios da Educação para Cidadania, as competências do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, em conjunto com as necessidades e preocupações específicas dos alunos.

O programa foi estruturado a partir de uma abordagem feita ao nível da turma para a tomada de decisões internas. Também ao nível global escolar, para a tomada de decisões sobre as dificuldades, melhorias e propostas dos membros da comunidade escolar, alunos, professores e pessoal não docente.

A assembleia de alunos da ETPM teve origem no mês de setembro de 2021, passando por um processo de três fases até ao mês de janeiro de 2022, tendo continuação nos próximos anos.

A primeira fase da formação da assembleia (do dia 27 de setembro até o dia 22 de outubro de 2021) foi composta pelos alunos do grupo de 16 estrelas e sete alunos do grupo de 11ºG do Curso Técnico de Comunicação, Marketing, Relações Públicas e Publicidade. O objetivo principal durante esta primeira fase consistiu em ouvir as necessidades e as principais preocupações dos alunos. Também foram definidos os objetivos e os valores da assembleia: Para que é? Para que serve? Como se organiza a assembleia de alunos? (Quadro 6).

Quadro 6. Assembleia de alunos

ASSEMBLEIA DE ALUNOS	
O QUE É?	<ul style="list-style-type: none"> ● É um órgão/um grupo de representação dos estudantes da escola.
PARA QUE SERVE?	<ul style="list-style-type: none"> ● Para dar voz aos alunos. ● Para defender e promover os princípios e valores integrantes no projeto educativo da escola. ● Para criar espaços de expressão e diálogo sobre os interesses da comunidade escolar. ● Para promover o desenvolvimento das competências do perfil dos alunos da ETPM, com especial atenção para a construção e mobilização de uma cidadania ativa. ● Criar integração, união, igualdade e colaboração dos alunos. ● Criar, planear e implementar ações que promovam o bem-estar da comunidade escolar.
COMO SE ORGANIZA?	<ul style="list-style-type: none"> ● Seleção de um representante e um suplente de cada turma através de votações de turma. ● Os representantes irão comunicar os avanços da assembleia com a sua turma e o seu tutor. ● As sessões de assembleia com os seus representantes serão às segundas-feiras e às sextas-feiras. ● O departamento de comunicação de cada turma terá a função de comunicar os resultados de votações e notícias de cada turma com a comunidade escolar através do Currents.

Os alunos também definiram nesta fase o perfil e as tarefas principais para os alunos representantes e sub-representantes selecionados. Estes dois quadros (Quadro 6 e Quadro 7) foram referentes base para os tutores de cada turma se orientarem com as votações nas suas respectivas turmas.

Quadro 7. Perfil e tarefas do representante da assembleia de alunos

Perfil do representante	Tarefas
<ul style="list-style-type: none">● Responsável● Comunicativo● Honesto● Colaborador● Criativo / Inovador● Justo● Bom ouvinte	<ul style="list-style-type: none">● Ser comunicativo e colaborativo com a turma e o seu tutor (para todos serem ouvidos, mas ouvir também).

O objetivo da segunda fase (do dia 29 de novembro até o dia 13 de dezembro) consistiram na realização das votações dos representantes e sub-representantes de cada turma, durante as tutorias com a orientação de cada um dos tutores de turma, assim como na recolha de dados globais para a criação futura do plano de trabalho.

As primeiras reuniões com os representantes e sub-representantes, estiveram focadas na apresentação dos valores da assembleia, dos seus integrantes, e dos temas de Educação para a Cidadania. Para a recolha de dados globais, foi feita uma atividade dos aspetos positivos, desafios e aspetos a melhorar da ETPM junto com os temas de Educação para a Cidadania: Instituições e participação democrática; Igualdade de Género; Educação Ambiental / Desenvolvimento Sustentável; Saúde / Bem-estar; Interculturalidade.

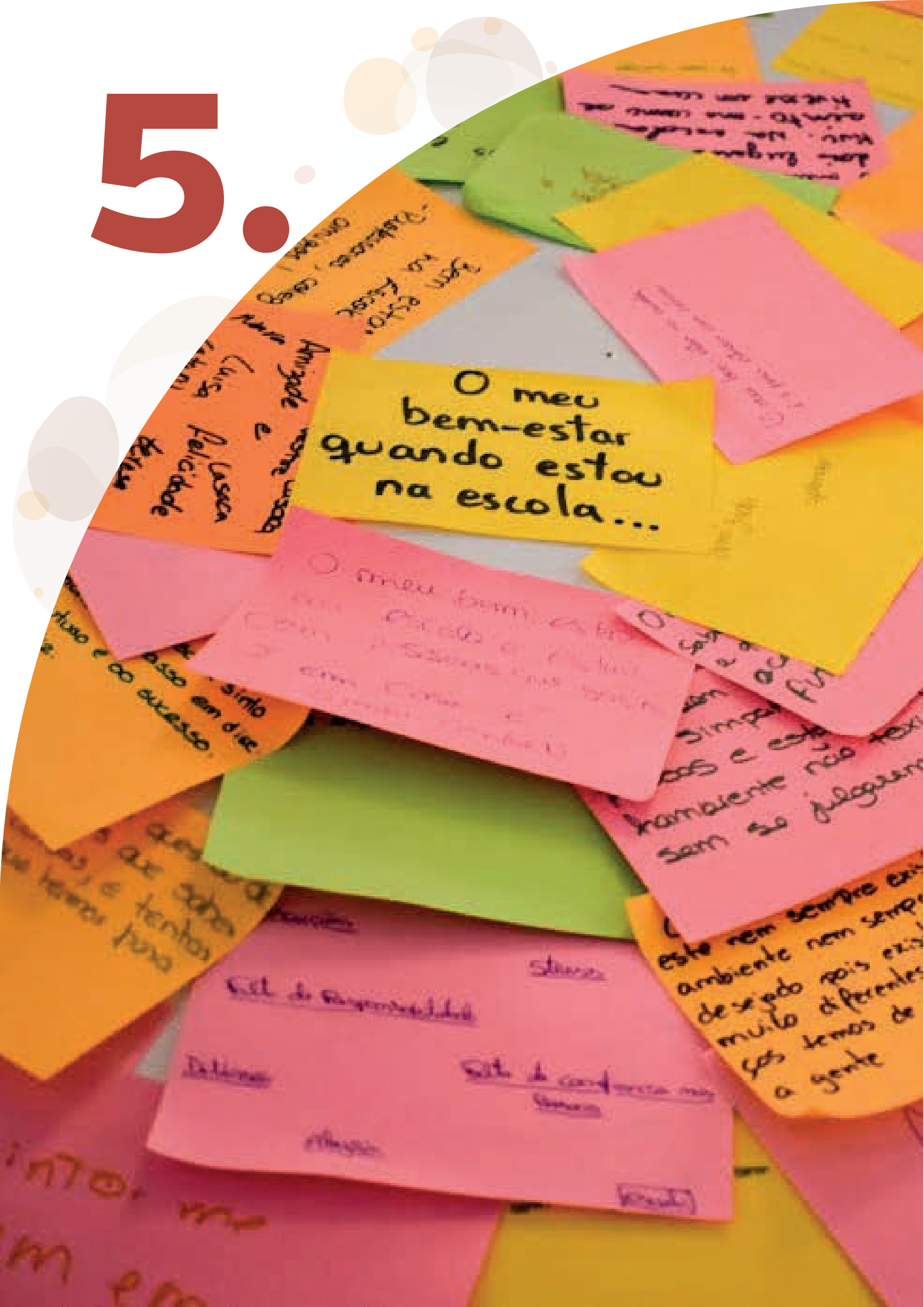
Como parte final da segunda fase e como estrutura base para as futuras ações com a assembleia, foi realizada uma reunião de diálogo e partilha entre os representantes de cada turma (dos 10º, 11º e 12º anos), junto com dois professores representantes das lideranças da turma.

Esta estrutura base teve como objetivo a integração e construção coletiva entre professores, alunos e coordenação da escola, na procura de um bem-estar comum. Desta maneira, ao promover uma melhoria na aprendizagem, com autonomia, responsabilidade e integridade, partindo de experiências reais de participação e de vivência da cidadania ajudará para as futuras ações que irão ter continuidade numa terceira fase em janeiro de 2022.

As escolas têm de ser ambientes de cultura democrática, que estimulem a participação, que criem momentos de debate, que tenham decisões tomadas colectivamente, que tenham marcas visíveis de promoção de hábitos de cidadania (...) A consistência da ação da escola para o desenvolvimento de uma cidadania efetiva, assente nos valores da justiça e das práticas democráticas, depende de uma vivência democrática na escola. (Costa, J., & Couvaneiro, J., 2019)

A implementação dos domínios de Educação para a Cidadania no âmbito dos Cursos Profissionais com as tutorias de turma, as práticas para uma participação política nas tutorias de turma e a assembleia de alunos procuram incentivar a criação de mais espaços de partilha para o desenvolvimento das aprendizagens, dos valores e do bem-estar, com um impacto tridimensional na cidadania e no desenvolvimento da atitude cívica individual, no relacionamento interpessoal e no relacionamento social e intercultural, tal como refere a DGE, no trabalho com a Cidadania e Desenvolvimento, sendo uma mais valia para alunos, escolas e sociedade.

5.



O meu bem-estar quando estou na escola...

Amizade e nome usado
Luisa Felicidade
Feliz

O meu bem-estar na escola...
com o apoio da família
com o apoio dos professores
com o apoio dos colegas

O meu bem-estar na escola...
simples e está
homalmente não tem
sem se julgarem

Este nem sempre cria
ambiente nem sempre
de se gozo pois exist
muito diferentes
seus temas de
a gente

Situação de aprendizagem
Situação de aprendizagem
Situação de aprendizagem

INTO...
m...
e...

5. Conclusões e reflexões

O ponto de partida da presente investigação consistiu em analisar a prática pedagógica do trabalho autónomo da ETPM, tendo como resultados dois relatórios. Um relatório intermédio concluído em julho de 2021 e o presente relatório final, concluído em janeiro de 2022.

Além das conclusões e reflexões específicas enumeradas em cada um dos capítulos que se encontram no presente relatório final, expõem-se de seguida as conclusões gerais onde se faz uma síntese da importância do desenvolvimento da autonomia em conjunto com as práticas, os instrumentos de (auto) regulação das aprendizagens, as competências transversais do aluno ETPM e os domínios da Educação para a Cidadania.

Em resposta a uma das perguntas da investigação: “Porque é importante desenvolver práticas educativas para a autonomia do aluno?”, podemos concluir que a escola tem como objetivo que os alunos aprendam a aprender, desenvolvendo as suas aprendizagens essenciais, conhecimentos, capacidades e atitudes para a sua vida.

Os alunos observam que são mais autónomos em comparação com alunos de outras escolas:

“Eu acho que nós na escola, nós temos mais responsabilidade e mais autonomia que outros alunos de outras escolas”

Os alunos estão cientes que as mudanças na sua autonomia se refletem na sua vida pessoal e escolar, mas também compreendem que a autonomia varia de aluno para aluno. Tanto professores como alunos referem que a autonomia e a responsabilidade cabe a cada pessoa e que há alunos que desenvolvem a autonomia com mais facilidade do que outros.

“Eu já era autónoma desde que entrei nesta escola ainda mais autónoma me tornei”

“Sim, eles desenvolvem todos a autonomia, a questão é que depende do aluno, há um aluno que é mais dependente e precisa de mais feedback de parte do professor, há outro que faz tudo sozinho sem precisar de ajuda, pede só uma dúvida ou outra e depois faz o resto sozinho”

Uma vez que estão cientes que o processo de aprendizagem, as competências, as habilidades e os conhecimentos diferem de aluno para aluno, muitas vezes pelo facto de o aluno não conseguir desenvolver autonomia num nível de complexidade intermédio ou avançado, compreendem que isso não significa que exista uma falha na prática pedagógica do professor.

De facto, não existe uma chave metodológica que permita que todos os alunos desenvolvam autonomia contudo, comprovamos que este protótipo educativo, trabalho autónomo, que surge através das práticas já existentes na ETPM, funciona com a maioria dos alunos:

“Eu recomendaria virem à ETPM, para verem o que é autonomia (...) A escola em si já é muito autónoma desde que entramos aqui, até que saímos da escola”

Mas, o que realmente representa ser autônomo? Como, quando e onde se pode desenvolver o trabalho autônomo?

A partir dos resultados obtidos dos dados da comunidade escolar, foram definidos os quatro indicadores do trabalho autônomo. Assim, ser autônomo compreende desenvolver a responsabilidade; a organização e planeamento; a comunicação e colaboração; a motivação e disponibilidade.

Cada um dos indicadores do trabalho autônomo dialogam diretamente com as competências transversais do perfil do aluno ETPM, com os instrumentos de auto avaliação das aprendizagens e com a prática dos domínios da Educação para a Cidadania.

O que é que vou aprender? Porquê, com quem, como e quando vou aprender?

Que competências colocamos em prática nesta atividade?

Fomos alunos criativos e inovadores durante este período?

Fomos alunos responsáveis e praticamos uma cidadania ativa durante este período?

Estas perguntas orientadoras representam uma forma de refletir e construir com o aluno e a turma, uma melhor prática dentro e fora da escola. Perguntas que são adaptáveis e flexíveis, tal como são também os três níveis de trabalho autônomo.

Desta forma, o professor/formador tem a possibilidade de adaptar e enriquecer a sua prática, seja com perguntas, dinâmicas ou desafios para o aluno em tempos síncronos ou assíncronos, com supervisão direta ou indireta do mesmo e em lugares diferenciados à escola.

Em suma, a ETPM procura apoiar o desenvolvimento do trabalho autônomo do aluno, não só com os professores/formadores, mas também com as entidades parceiras para o desenvolvimento das competências e para a futura integração dos seus alunos no mercado de trabalho ou para prosseguir estudos.

O trabalho autônomo é essencial na aprendizagem do aluno e é o aluno que tem de ser responsável e construtor dos seus processos de ensino-aprendizagem. É importante que os alunos aprendam, treinem e implementem a sua autonomia na prática do dia-a-dia, para que seja uma aprendizagem para a vida. Saberem que através da cidadania ativa conseguem ver-se a eles próprios numa primeira escala, como alunos responsáveis pela sua aprendizagem na escola, posteriormente como construtores do seu projeto de vida como indivíduos e, finalmente, numa escala maior como cidadãos globais.

Bibliografia

Alonso, L., Orvalho, L. (2011). “A estrutura modular nos cursos profissionais das escolas secundárias públicas: do modelo curricular às práticas. Uma investigação colaborativa”. *Revista Portuguesa De Investigação Educacional*, (10), 79-121.

Alves, M., Azevedo, J., Orvalho, L. (2017). “(Re) encontrar e Projetar o Ensino Profissional para o séc. XXI”. Porto: Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Psicologia e Educação.

Alves, M., Graça, M., Leite, E., Marçal, C., Orvalho, L., Teixeira, A. (1992). “Estrutura Modular nas Escolas Profissionais: Quadro de Inteligibilidade. Núcleo de Apoio à Concretização da Estrutura Modular”. Porto: Edições do Gabinete de Educação Tecnológica, Artística e Profissional do Ministério da Educação.

Alves, M., Graça, M., Leite, E., Marçal, C., Orvalho, L., Teixeira, A. (1992). “Estrutura Modular nas Escolas Profissionais. Núcleo de Apoio à Concretização da Estrutura Modular”. Porto: Edições do Gabinete de Educação Tecnológica, Artística e Profissional do Ministério da Educação.

Costa, J., & Couvaneiro, J. (2019). “Conhecimentos vs. Competências: Uma Dicotomia Disparada na Educação”. Lisboa: Guerra e Paz Editores.

DGE. (2022). “Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania”. Acedido a 30 de janeiro de 2022. <https://www.dge.mec.pt/estrategia-nacional-de-educacao-para-cidadania>

ETPM. (2016). “Projeto Educativo 2016 / 2022”. Portugal: ETPM. Disponível em: <https://escolaprofissionalmoita.com/escola/projeto-educativo/#>

ETPM. (2018). “Implementação de Cidadania e Desenvolvimento no âmbito dos Cursos Profissionais, na Escola Técnica Profissional da Moita - As Tutorias de Turma”. Portugal: ETPM.

ETPM. (2020). “Orientações para a organização e desenvolvimento do trabalho autónomo”. Portugal: ETPM.

ETPM. (2021). “Plano anual de atividades 2021/2022”. Portugal: ETPM. Disponível em: <https://escolaprofissionalmoita.com/wp-content/uploads/2021/11/Plano-Anual-de-Atividades-2021-2022-leitura-1.pdf>

Fernandes, D. (2019b). “Critérios de Avaliação. Folha de apoio à formação - Projeto MAIA”. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa e Direção Geral de Educação do Ministério da Educação.

Fernandes, D. (2019c). “Rubricas de Avaliação. Folha de apoio à formação - Projeto MAIA”. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa e Direção Geral de Educação do Ministério da Educação.

Fernandes, D. (2020a). “Diversificação dos Processos de Recolha de Informação (Fundamentos). Texto de apoio à formação - Projeto MAIA”. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa e Direção Geral de Educação do Ministério da Educação.

Kemmis, S., & McTaggart, R. (2007). “Participatory Action Research: Communicative Action and the Public Sphere”. In: Denzin, N. and Lincoln, Y., Eds., *Strategies of Qualitative Inquiry*, Sage, Thousand Oaks, 271-330.

Monteiro, R. (Coord.). (2017). “Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania”. Lisboa: DGE.

Moon, J. (2002). “The Module and Programme Development Handbook: A Practical Guide to Linking Levels, Outcomes and Assessment Criteria”. Londres: Routledge and Routledge Falmer.

OCDE (2020). “Education responses to covid-19: Embracing digital learning and online collaboration”. OECD Policy Responses to Coronavirus (COVID-19). Paris: OECD Publishing. Disponível em: https://oecd.dam-broadcast.com/pm_7379_120_120544-8ksud7oaj2.pdf

Oliveira, G. (Coord.). (2017). “Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória”. Lisboa: DGE.

UNESCO. (2014). “Global citizenship education: Preparing learners for the challenges of the 21st century”. Paris: UNESCO.



Siglas

CD - Cidadania e Desenvolvimento

DGE - Direção-Geral da Educação

ENEC - Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania

ETPM - Escola Técnica Profissional da Moita

FCT - Formação em Contexto de Trabalho

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

PAP - Prova de Aptidão Profissional

ProHUB - Centro de Investigação e Inovação para o Ensino Profissional

UFCD - Unidades de Formação de Curta Duração

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura



ProHUB

INVESTIGAÇÃO & INOVAÇÃO
para o Ensino Profissional

